

AMARO DE ROBOREDO

Methodo
Grammatical
para todas
as Linguas

AMARO DE ROBOREDO

Methodo Grammatical para todas as Linguas

edição de

Marina A. Kossarik

Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Lisboa

2002

A OBRA DE AMARO DE ROBOREDO

Questões de historiografia linguística portuguesa

MARINA A. KOSSARIK *

A história da doutrina linguística europeia não pode ser considerada completa se não se apreciarem devidamente os monumentos portugueses. Nos últimos anos, foram reeditados alguns dos mais importantes textos linguísticos do século XVI¹. Chamam também a atenção as recentes edições de textos dos séculos XVIII e XIX². Entre outros efeitos, este empreendimento de reedição resgatou a obra principal de um destacado filólogo seiscentista, Amaro de Roboredo.

*Esta introdução é uma parte da investigação da doutrina linguística portuguesa dos séculos XVI-XVII que realizei em Moscovo e que pude continuar em Portugal como bolsista do Instituto Camões. Ao aproveitar a ocasião, agradeço ao Prof. Doutor Ivo Castro, sem o qual esta edição não seria possível, à Dr.^a Isabel Cepeda e a duas instituições que possibilitaram o meu estágio em Portugal — o Instituto Camões e a Faculdade de Filologia da Universidade Estatal de Moscovo Lomonóssov.

¹ As gramáticas de F. de Oliveira (OLIVEIRA, F. DE. *A GRAMÁTICA DA LINGUAGEM PORTUGUESA*. Ed. por M. L. Carvalhão Buescu. Lisboa, 1975; OLIVEIRA, F. DE. *GRAMÁTICA DA LINGUAGEM PORTUGUESA*. Edição fac-similada, Lisboa, 1981; OLIVEIRA, F. DE. *GRAMÁTICA DA LINGUAGEM PORTUGUESA*. 2.^a ed. Lisboa, 1988), J. de Barros (BARROS, J. DE. *GRAMÁTICA DA LÍNGUA PORTUGUESA*. CARTINHA; *GRAMÁTICA*; *DIALOGO EM LOUVOR DA NOSSA LINGUAGEM*; *DIALOGO DA VICIOSA VERGONHA*. Introd. de M. L. Carvalhão Buescu. Repr. fac-similada. Lisboa, 1971; BUESCU, M. L. CARVALHÃO. *OS GRAMMATICES RUDIMENTA DE JOÃO DE BARROS*. Lisboa, 1972), M. Álvares (ALVARES, M. *GRAMÁTICA LATINA*. Fac-símile da edição de 1572, Introdução do Dr. J. Pereira da Costa. Funchal, 1974), a ortografia de P. Magalhães de Gândavo (GÂNDAVO, PÊRO MAGALHÃES DE. *REGRAS QUE ENSINAM A MANEIRA DE ESCREVER A ORTOGRAFIA DA LINGUA PORTUGUESA*. Introdução de M. L. Carvalhão Buescu. Lisboa, 1981. Edição fac-similada da 1.^a ed. de 1574), os tratados de D. Nunes de Leão (LEÃO, D. NUNES DE. *ORTOGRAFIA E ORIGEM DA LÍNGUA PORTUGUESA*. Introd. notas e leitura de M. L. Carvalhão Buescu. Lisboa, 1983).

² ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS DE LISBOA. *DICIONÁRIO DA LINGUA PORTUGUESA*. Fac-símile da ed. Lisboa, Academia Real das Ciências, 1793. Lisboa, 1993. BACELAR, B. DE LIMA E

Este autor, quase esquecido, desempenhou um importante papel no desenvolvimento do cânone gramatical, na formação de novos tipos de gramáticas: comparativas, universais e escolares e na elaboração de algumas noções e princípios de descrição da língua importantes para a linguística de hoje. Além disto, os textos de Roboredo são interessantes monumentos de prosa científica, testemunhos do estado da língua portuguesa no começo do século XVII, apresentados por um filólogo fino e conhecedor. O estudo da sua obra ajudaria a compreender melhor as etapas de formação de vários conceitos da linguística moderna, realizada no seio de uma longa tradição, e o papel de autores portugueses neste processo não deve ser menosprezado. A influência da gramática de Port-Royal na tradição portuguesa do século XVIII chamou a atenção de vários investigadores, mas o outro lado da questão, a formação das ideias da gramática universal na tradição linguística portuguesa do século XVI e começo do século XVII, continua menos estudado ¹.

MELO, *GRAMÁTICA FILOSÓFICA DA LÍNGUA PORTUGUESA DE BERNARDO DE LIMA E MELO BACELAR*. Reprodução fac-similada da edição de 1783 com introdução e notas pelo académico correspondente Amadeu Torres. Lisboa, 1996; MACEIO, J. TAVARES DE. *OBRAS INÉDITAS. ENSAIO SOBRE O ESTUDO HISTÓRICO DAS LÍNGUAS. ELEMENTOS DE GRAMMÁTICA PORTUGUEZA*. Organização: Ivo Castro. Lisboa, 1996.

¹ A tradição linguística portuguesa do século XVII ainda não chamou suficientemente a atenção da historiografia. A maior parte das investigações do período inicial da filologia portuguesa, realizadas por historiadores portugueses e brasileiros, é dedicada aos séculos XVI e XVIII: ALMEIDA, J. M. *LIMA GRAMÁTICA LATINA DE JOÃO DE BARROS*. In: *Euphrosyne*, vol. II, 1939, Lisboa; BUESCU, M. L. CARVALHÃO. *GRAMÁTICOS PORTUGUESES DO SÉCULO XVI*. Lisboa, 1978; BUESCU, M. L. CARVALHÃO. *BABEL OU A RUPTURA DO SIGNO. A GRAMÁTICA E OS GRAMÁTICOS DO SÉCULO XVI*. Lisboa, 1984; BUESCU, M. L. CARVALHÃO. *O ESTUDO DAS LÍNGUAS EXÓTICAS NO SÉCULO XVI*. Lisboa, 1983; FREIRE, A. S. J. «A GRAMÁTICA LATINA» DO PADRE MANUEL ALVARES E SEUS IMPUGNADORES. In: *As Grandes Polémicas Portuguesas*, Volume I. Lisboa, 1964, 333-389; GONÇALVES, F. REBELO. *HISTÓRIA DA FILOLOGIA PORTUGUESA — OS FILOLOGOS PORTUGUESES DO SÉC. XVI*. In: *Boletim de Filologia*, IV, 1936; LOURO, ESTANCO. *GRAMÁTICOS PORTUGUESES DO SÉCULO XVI*. Lisboa, s. d.; PINTO, R. MOREL. *GRAMÁTICOS PORTUGUESES DO RENASCIMENTO*. Sep. da Revista de Portugal, série Língua portuguesa, vol. XXVII, 1962; VERDELHO, T. *AS ORIGENS DA GRAMATICOLOGIA E LEXICOLOGIA LATINO-PORTUGUESES*. Aveiro, 1995; CALAFATE, P. *GRAMÁTICA E FILOSOFIA NO SÉCULO XVIII EM PORTUGAL*. In: *Revista da Faculdade de Letras*, Lisboa - 5.ª s., n.º 15 (1993), 145-154; CARDOSO, S. CERVEIRA. *A GRAMÁTICA FILOSÓFICA DE JERÓNIMO SOARES BARBOSA: REFLEXÕES DA GRAMÁTICA GERAL*. Dissertação de Mestrado em Linguística Portuguesa Descritiva. Universidade do Porto, 1986; CASTELEIRO, J. MALACA. *JERÓNIMO SOARES BARBOSA, UM GRAMÁTICO RACIONALISTA DO SÉCULO XVIII*. Separata do Boletim de Filologia, tomo XXV, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. Lisboa, 1980/81; CASTELEIRO, J. MALACA. *A DOCTRINA GRAMATICAL DE JERÓNIMO SOARES BARBOSA*. In: *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa, Classe de Letras*, Tomo XXI, Lisboa, 1980;

A vida e a obra de Amaro de Roboredo

Sabe-se pouco da vida de Amaro de Roboredo ⁴. São desconhecidas as datas do seu nascimento e morte e há dados contraditórios sobre o lugar de nascimento: segundo alguns nasceu em Algosó, segundo outros em Viseu. Porém, no *METHODO GRAMMATICAL PARA TODAS AS LINGUAS*, editado em vida do autor, está indicado que Amaro de Roboredo era «natural da villa de Algosó». É sabido que, pouco depois do ano de 1610, Roboredo foi escolhido pelo Arcebispo de Évora — D. Diogo de Sousa — para seu secretário; e que mais tarde foi beneficiado na Igreja de Nossa Senhora de Salvação, em Arruda e, finalmente, na Sé

GONÇALVES, M. F. MADUREIRA FEIJÓ, ORTOGRAFISTA DO SÉCULO XVIII: PARA UMA HISTÓRIA DA ORTOGRAFIA PORTUGUESA. Lisboa, 1992; FAVERO, L. LOPES. AS CONCEPÇÕES LINGÜÍSTICAS NO SÉCULO XVIII: A GRAMÁTICA PORTUGUESA. Campinas, SP., 1996. A tradição gramatical portuguesa também chamou a atenção de historiadores de outros países: COSERIU, E. *SPRACHE UND FUNKTIONALITÄT BEI FERNÃO DE OLIVEIRA (1536)*. In: *The History of Linguistics*, 1 PdR Press Publications, s. d.; RÉVAH, I. S. JOÃO DE BARROS. *ETUDES PORTUGAISES*. Paris, 1975; STEGAGNO PICCHIO, L. *LA QUESTIONE DELLA LINGUA IN PORTOGALLO*. In: João de Barros, *Diálogo em louvor da nossa linguagem*. Modena, 1959; TEYSSIER, P. *LA PHONONCIATION DES VOYELLES PORTUGAISES AU XVI^{ème} SIÈCLE D'APRÈS LE SYSTÈME ORTHOGRAPHIQUE DE JOÃO DE BARROS*. In: *Annali dell'Istituto Universitario Orientale, Sez. Romanza*. Napoli, 1966. 127-198; WOLL, D. *PORTUGIESISCH: GRAMMATIKOGRAPHIE*. In: *Lexikon der romanistischen Linguistik (LRL)*, Herausgegeben von Günter Holms, Michael Metzeltin, Christian Schmitt. Tübingen, 1994. 649-672; KOSSARIK, M. A. *RANNIE PORTUGALSKIE GRAMMATIKI I TRKATY O JAZYKE: K ISTORII LINGVISTICHESKIH UTCHENII [AS PRIMEIRAS GRAMÁTICAS E TRATADOS LINGÜÍSTICOS PORTUGUESES: PARA A HISTÓRIA DA DOUTRINA LINGÜÍSTICA]*. Dissertação na soiskanie utchionoi stepeni kandidata filologicheskikh nauk. Moskovskii Gosudarstvennyi Universitet im. M. V. Lomonosova. Moskva, 1991; KOSSARIK, M. A. *ON THE PROBLEM OF TRADITION AND INNOVATION IN THE HISTORY OF LINGUISTIC STUDIES, RENAISSANCE AND CONTEMPORARY LINGUISTIC PARADIGMS: TWO EPOCHS' BONTAGE*. In: *Moscow State University Bulletin (Vestnik Moskovskogo Universiteta) Series 9, Philology*, n.º 5, September-October 1995, 104-116. KOSSARIK, M. A. *RENAISSANCE AND MODERN LINGUISTIC PARADIGMS — THE CONNECTION OF EPOCHS*. In: *Linguistics by the End of the XXth Century: Achievements and Perspectives, International Conference Abstracts, Vol. I*. Moscow, Philologia Publishers, 1995, 259-261; KOSSARIK, M. A. *A DOUTRINA LINGÜÍSTICA DE AMARÓ DE ROBOREDO*. In: *Actas do XII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, vol. II, Lisboa, 1997, 429-443; KOSSARIK, M. A. *TEORIA I PRAKTIKA OPESSANTA JAZYKA (NA MATERIALE LINGVISTICHESKIH SOCHINENII PORTUGALI XVI-XVII VEKOV)*. [A teoria e a prática da descrição da língua (com base nas obras lingüísticas portuguesas dos séculos XVI e XVII)], tese de doutoramento, Moscovo, Faculdade de Letras da Universidade Estatal de Moscovo Lomonóssov, 1998.

⁴ MACHADO, D. BARBOSA. *BIBLIOTECA LUSITANA*. Tomo I. Coimbra, 1965, 127-128. SILVA, I. F. DA. *DICIONÁRIO BIBLIOGRÁFICO PORTUGUÊS*. Tomo 1. Lisboa, 1858, 54-55.

de Viseu. Foi professor dos filhos de um fidalgo castelhano, que morava em Lisboa, e do filho primogénito do conde de Castelo Branco. Aos membros da família deste nobre dedica Roboredo as suas obras linguísticas⁵; por essas dedicatórias ficamos a saber que era também capelão da família.

A herança de Roboredo é constituída por vários livros. Além de editar três textos de carácter teológico, publicou as seguintes obras linguísticas⁶:

1615 — *REGRAS DA ORTOGRAFIA DA LINGUAGEM PORTUGUESA*

1615 — *VERDADEIRA GRAMMATICA LATINA*

1619 — *METHOD GRAMMATICAL PARA TODAS AS LINGUAS*⁷

1621 — *RAIZES DA LINGUA LATINA*⁸

1623 — *PORTA DE LINGUAS*⁹

1625 — *GRAMMATICA LATINA, MAIS BREVE E FACIL. QUE AS PUBLICADAS ATE AGORA*¹⁰

A *VERDADEIRA GRAMMATICA LATINA* pode considerar-se perdida, não se conhecendo nenhum exemplar sobrevivente. Das *REGRAS DA ORTOGRAFIA DA LIN-*

⁵ A *PORTA DE LINGUAS* é dedicada a D. Francisco de Castelo Branco, Conde de Sabugal e Meirinho mor do Reino; a *GRAMMATICA LATINA, MAIS BREVE E FACIL. QUE AS PUBLICADAS ATE AGORA*, é oferecida a D. João de Castelo Branco. É notório que mais tarde o nome de um dos Condes de Castelo Branco tenha estado ligado à edição de mais uma gramática interessante, *ARTE DE GRAMMATICA LATINA* de Frutuoso Pereira (PEREIRA, FR. *ARTE DE GRAMMATICA LATINA. ORDENADA EM PORTUGUEZ PERA MAIOR FACILIDADE DESTE ESTUDO*. De Industria de D. João de Castelbranco, filho de D. Duarte de Castelobranco, primeiro Conde de Sabugal [...], F. tirada a Luz pello Padre Frey Fructuoso Pereyra [...]. Lisboa, 1643).

⁶ MACHADO, *op. cit.*, SILVA, *op. cit.*

⁷ ROBOREDO, A. DE. *METHOD GRAMMATICAL PARA TODAS AS LINGUAS* [...]. Lisboa, 1619. No título da principal obra de Roboredo aparece uma das palavras-chave da linguagem científica dos séculos XVII-XVIII, «método», que mais tarde seria usado nos títulos das obras de R. Descartes, *DISCOURS DE LA METHODE POUR BIEN CONDUIRE SA RAISON ET CHERCHER LA VERITE DANS LES SCIENCES*, e de L. A. Verney, *O VERDADEIRO MÉTODO DE ESTUDAR*. Encontramos este termo já no título do primeiro parágrafo, «Methodi ratio», de uma das mais conhecidas gramáticas medievais, hoje atribuída a Thomas de Erfurt, mas que a tradição atribui a Duns Scot (SCOTUS, DUNS J. DE MODIS SIGNIFICANDI SIVE GRAMMATICA SPECULATIVA. Ad Claras Aquas, 1902, p. 1), e na gramática latina de M. Álvares, de 1572 (ALVARES, M. *EMMANUELIS ALVARI* [...]. *GRAMMATICA LIBRI TRES*. Olyssipone, 1572, 46).

⁸ ROBOREDO, A. DE. *RAIZES DA LINGUA LATINA* [...]. Lisboa, 1621.

⁹ ROBOREDO, A. DE. *PORTA DE LINGUAS* [...]. Lisboa, 1623.

¹⁰ ROBOREDO, A. DE. *GRAMMATICA LATINA* [...]. Lisboa, 1625.

GUAGEM PORTUGUESA só é conhecida a variante reelaborada no século XVIII¹¹. Na excelente bibliografia de Simão Cardoso há também dados relativos a mais dois textos de A. de Roboredo que foram reelaborados no mesmo século:

- a) *ACORDO ENGENHOSO, QUE CONDUZ A ESTABELECEER PAZ ENTRE ALVARISTAS E TODOS OS GRAMMATICOS DE BOM JUÍZO... SOBRE O MODO DE ENSINAR A GRAMMATICA LATINA E DADO EM RESPOSTA A QUEM FALA CONTRA ULTIMAMENTE EXPERIMENTADO POR ALEIXO NICOLÃO S. E INVENTADO NO SECULO PASSADO POR AMARO DE ROBOREDO*
- b) *DISCOURS ADRESSÉ AUX PLUS INSIGNES GRAMMARIENS DE PORTUGAL, DANS LEQUEL LA MÉTHODE D'AMARO DE ROBOREDO, ENRICHIE DE REMARQUES, POUR TRADUIRE ÉLÉGEMENT LE PORTUGAIS EN LATIN ET LE LATIN EN PORTUGAIS*¹².

Nesta introdução, cujo objectivo é o estudo da fase inicial da formação das ideias da época do Iluminismo, analisam-se apenas os textos editados em vida de Roboredo, porque só eles podem reflectir a sua doutrina sem camadas sobrepostas, características do século XVIII. Porém, a atenção que foi dada às obras do filólogo seicentista no século das reformas pombalinas do ensino e do florescimento da ideia de gramática universal na linguística, testemunha a influência de Amaro de Roboredo no desenvolvimento da teoria linguística da época posterior.

O *METHODO GRAMMATICAL PARA TODAS AS LINGUAS*, que esta reedição apresenta, é o primeiro dos textos conhecidos de Roboredo editados em vida do autor. A obra consta de três partes. A primeira, «Grammatica exemplificada na Portuguesa & Latina» (com a variante «Exemplo Latino da Cópia de Palavras» no interior do texto), contém três livros, divididos em capítulos, e é dedicada à descrição comparativa dos sistemas gramaticais de duas línguas, a portuguesa e a latina. A segunda parte, «Cópia de palavras exemplificada nas Latinas, artifício experimentado para entender Latim em poucos meses», contém 1200 sentenças que devem usar-se como sistema de exercícios. Roboredo indica que lhe serviu

¹¹ ROBOREDO, A. DE, *REGRAS DE ORTOGRAFIA PORTUGUESA*, 2.^a ed. Lisboa, 1738 (por iniciativa do Padre Vitorino José da Costa).

¹² UNIVERSIDADE DO PORTO, FACULDADE DE LETRAS, *HISTORIOGRAFIA GRAMATICAL: 1500-1920: LÍNGUA PORTUGUESA — AUTORES PORTUGUESES; COMPILAÇÃO E ORGANIZAÇÃO DE SIMÃO CARDOSO*, Porto, 1994, 175, 187. S. Cardoso também menciona mais uma edição, não achada nas bibliotecas, *RECOMPILAÇÃO DA GRAMÁTICA PORTUGUESA, & LATINA* [...], Lisboa, 1619 (UNIVERSIDADE DO PORTO, *op. cit.*, 39).

como fonte das sentenças a «*Ianua Linguarū*, divulgada no anno 1611 pelos Padres da Companhia Ibernios do Seminario de Salamanca, tem dez capitulos, que mostram a entrada das linguas per copia, & logo 1141 Sentenças» (79; veja também b4v)¹³. O autor do *METHODO* acrescentou às sentenças um detalhado comentário gramatical, ausente na *IANUA LINGUARUM*. Aqui, como em outros lugares, chama a atenção o rigor com que o filólogo seiscentista indica as suas fontes. A última parte do *METHODO GRAMMATICAL PARA TODAS AS LINGUAS*, que se intitula «Frase exemplificada na Latina, em que se exercitão as syntaxes ordinárias, & collocação rhetorica» ou «Exemplo Latino da Frase», é dedicada à sintaxe latina comparada com a portuguesa. Encontram-se nela 240 sentenças latinas comentadas, que estão traduzidas em português, i. e., são microtextos paralelos. Roboredo termina esta parte com umas páginas dedicadas a alguns aspectos estilísticos («rhetoricos»), à prosódia e à métrica latinas e com listas de adjectivos e verbos. O *METHODO* é precedido de um índice detalhado e do Prólogo, que se pode considerar um manifesto da doutrina linguística e pedagógica do autor.

O segundo dos livros de Roboredo, *RAIZES DA LINGUA LATINA*, é um dicionário latino-português-espanhol, baseado no Calepino, o mais divulgado dicionário da época, reeditado inúmeras vezes¹⁴. Roboredo faz preceder o dicionário de um tratado dedicado essencialmente aos problemas de formação de palavras latinas e a mudanças fonéticas e semânticas que têm lugar nos processos de derivação. O princípio da organização do verbete do dicionário revela a atenção aos problemas de formação de palavras e de congruência lexical.

A obra seguinte publicada por Roboredo é a *PORTA DE LINGUAS*, colecção de microtextos paralelos em latim, português e espanhol, precedida de tratados de teor linguístico. Serviu-lhe de modelo a já mencionada *IANUA LINGUARUM* do ano de 1611¹⁵. Talvez valha a pena mencionar mais duas edições da *IANUA*

¹³ *IANUA LINGUARUM* [...], Salamanca, 1611. Editado por jesuítas irlandeses, este livro bilingue latino-espanhol contém um tratado de carácter linguístico e sentenças didácticas. Para o título, os autores da colecção aproveitaram a metáfora, característica da época, da língua como casa, que talvez reflecta o início da compreensão da língua como estrutura ou sistema. Encontramos este título na obra *ERUDITIONEIS SCHOLASTICAE IANUA RERUM ET LINGUARUM STRUCTURAM EXTERNAM EXHIBENS*, Schaffhusii, 1559), escrita em latim, que é um tipo de enciclopédia por estar conceptualmente organizada segundo campos do universo («quadro do mundo»).

¹⁴ CALEPINO, A. *DICTIONARIUM LATINUM*. Impressum Rhegii Lingobardiae, 1502. T. Verdelho expõe os dados das edições plurilingues de Calepino desde 1550 (VERDELHO, *op. cit.*, 234).

¹⁵ VERDELHO, *op. cit.*, 472.

LINGUARUM, realizadas em Inglaterra, nas quais às componentes latina e espanhola foram acrescentadas uma inglesa, em primeiro lugar, e depois uma francesa¹⁶. A obra de Roboredo, porém, difere das edições realizadas em Espanha e em Inglaterra, contendo na parte introdutória do livro dois textos originais, «Ao juiz deste artifício» (52v-57v) e o tratado «Introdução para as sentenças» (22-34v), nos quais o filólogo português toca vários problemas de ensino de língua estrangeira, questões de tradução, de morfologia, sintaxe e lexicologia, expondo algumas diferenças entre o português, o latim e o castelhano. Além disto, Roboredo faz acompanhar as sentenças de comentários gramaticais, ausentes na *IANUA LINGUARUM*; estes comentários estão acrescentados, em comparação com o do *METHODO GRAMMATICAL PARA TODAS AS LINGUAS*, de indicações de regências verbais e de géneros de nomes. Tudo justifica, portanto, que se fale não de uma simples tradução da *IANUA LINGUARUM*, mas da aplicação, por Roboredo, de alguns princípios característicos da filologia da época à língua portuguesa.

O último dos livros linguísticos de Roboredo, editados em vida, é a *GRAMMATICA LATINA, MAIS BREVE E FACIL QUE AS PUBLICADAS ATE AGORA*, na qual o autor explica detalhadamente algumas das suas ideias gramaticais e pedagógicas, expostas no *METHODO GRAMMATICAL PARA TODAS AS LINGUAS*.

Como se vê, a obra de Roboredo, dedicada a vários aspectos da língua, constitui uma série de textos entrelaçados, os quais o próprio autor considera um conjunto: na *PORTA DE LINGUAS* há referências às *RAIZES DA LINGUA LATINA* e na *GRAMMATICA LATINA* à *PORTA DE LINGUAS*. Todos os livros de Roboredo são muito bem editados; os primeiros três, por Pedro Craesbeeck e o último, por António Álvares.

O mais interessante deles é, sem dúvida, o *METHODO GRAMMATICAL PARA TODAS AS LINGUAS*. Logo, o título deste livro, publicado 41 anos antes de *LA GRAMMAIRE GÉNÉRALE ET RAISONNÉE DE PORT-ROYAL*, chama a atenção do historiador do pensamento linguístico.

¹⁶ *IANUA LINGUARUM*, Londini, 1616. *IANUA LINGUARUM QUADRILINGUIS*, Londini, 1617. Tecnicamente, a *PORTA DE LINGUAS* de Roboredo, que representa os textos na mesma página em línguas paralelas, está mais próxima desta última edição. A tradição das obras *IANUA LINGUARUM* culmina com a obra de Comenius, *IANUA LINGUARUM RESERATA*, de 1631, logo traduzida em alemão e inglês (COMENIUS, J. A. *IANUA LINGUARUM RESERATA* [...]. Hamburg, 1633; COMENIUS, J. A. *IANUA LINGUARUM RESERATA* [...]. London, 1636), que acumula as ideias das colectâneas antecedentes: a obra bilingue de Comenius representa o universo de forma enciclopédica, conceptual, e contém um ensaio da gramática latina, muitos microtextos e um dicionário.

A herança científica de Roboredo na historiografia linguística

Até hoje a doutrina linguística de Roboredo não foi objecto de um estudo historiográfico especial¹⁷. É de notar, porém, que Roboredo era muito apreciado por filólogos dos séculos XVIII e XIX: está presente nas bibliografias do *DICIONÁRIO DA LINGUA PORTUGUESA*, publicado pela Academia das Ciências de Lisboa, e da *GRAMÁTICA FILOSÓFICA* de B. de Lima e Melo Bacelar. Os autores do *DICIONÁRIO* escrevem que «o seu Methodo Gramatical para todas as lingoas he obra de grande merecimento, e a mais philosophica, que temos em Portuguez sobre esta materia»¹⁸. Uma análise bem adequada da doutrina do autor seiscentista e do seu lugar na história da linguística portuguesa, achamo-la no estudo de V. Gomes de Moura, outro brilhante filólogo português do século XIX, quase esquecido:

Amaro de Roboredo, Grammatico mui practico, e com o qual a Nação se pode honrar, publicava, antes da morte de Bacon, em Língua Portuguesa [...] *Methodo Grammatical para todas as Linguas* [...]. A Prefação desta ultima obra he mui notavel pelas noções, que contém, tão sans, como oppostas ás que então vogavão. [...] A mesma ideia de reduzir a principios a Grammatica Portuguesa foi reprodu-

¹⁷ J. Leite de Vasconcelos dedica-lhe uma meia página nos *OPÚSCULOS* (VASCONCELOS, J. LEITE DE. *OPÚSCULOS: A FILOLOGIA PORTUGUESA*. 4.º vol., 2.ª parte. Lisboa, 1929, 865-866); mencionam-no J. Prado Coelho (COELHO, J. PRADO. *LINGÜÍSTICA EM PORTUGAL*. In: *Dicionário de Literatura*, 3.ª ed., vol. 2. Porto, 1976, 531), T. Verdelho (VERDELHO, *op. cit.*, 464); a lista das obras do linguista seiscentista está presente na bibliografia de S. Cardoso (*UNIVERSIDADE DO PORTO, op. cit.*, 59, 89, 161, 175, 187); há informações dele na *BIBLIOGRAFIA FILOLÓGICA PORTUGUESA* (PORTUGAL. JUNTA DE EDUCAÇÃO NACIONAL. CENTRO DE ESTUDOS FILOLÓGICOS. *BIBLIOGRAFIA FILOLÓGICA PORTUGUESA*, Vols. 1-8. Lisboa, 1935-1946). Uma caracterização do *METHODO GRAMMATICAL PARA TODAS AS LINGUAS* contém-na o artigo de D. Woll no *LEXIKON DER ROMANISCHEN LINGUISTIK* (WOLL, *op. cit.*, 654-655). L. Lopes Fávero apresenta uma descrição sumária de dois livros de Roboredo, do *METHODO GRAMMATICAL PARA TODAS AS LINGUAS* e da *PORTA DE LINGUAS* (FAVERO, *op. cit.*, 40-51). Ao *METHODO GRAMMATICAL PARA TODAS AS LINGUAS* foi dedicada uma comunicação de B. Schäfer num colóquio de lusitanistas e catalanistas em Berlim (SCHÄFER, B. *AMARO DE ROBOREDOS METHODO GRAMMATICAL PARA TODAS AS LINGUAS* (1619). In: *Zur Wissenschaftsgeschichte der deutschsprachigen Lusitanistik. Acten des 1. gemeinsamen Kolloquiums der deutschsprachigen Lusitanistik und Katalanistik* (Berlin, 20.-23. September 1990) lusitanistischer Teil; Band 1. A. Schönberger, M. Scotti-Rosin (Hrsg.). Frankfurt am Main, 1990, 55-72).

¹⁸ *Op. cit.*, CLXXV.

zida por D. Jeronymo Contador de Argote, nas suas *Regras de Lingua Portuguesa*, etc., e por Antonio José dos Reis Lobato na *Arte da Grammatica da Lingua Portuguesa* [...]. Tal era o excellente methodo do illustre Grammatico Amaro de Roboredo, o qual de pensado expuzemos com individuação, para mostrarmos, que os Portuguezes já conhecião a este respeito verdades, que muitos Estrangeiros se jactão de haverem descoberto¹⁹.

Inocência faz-se eco destes elogios de Gomes Moura:

Tractando de Roboredo o nosso grande philologo José Vicente Gomes de Moura diz: «este distincto grammatico mostra-se nas suas obras superior ás idéias do seu tempo: reconheceu a necessidade da reunião do ensino das linguas latina e materna em um mesmo compendio, e concebeu a idéia dos principios geraes da grammatica, e da grammatica comparada; bem como a necessidade de reformar o methodo por que então se ensinava a lingua latina.»²⁰

É evidente que a doutrina linguística de Roboredo não é um fenómeno isolado e o seu lugar na história das ideias linguísticas só pode ficar claro se se tiver em consideração a tradição anterior. Daí ser necessário passar em revista, ainda que concisamente, o estado da linguística portuguesa no século XVI e início do século XVII, época que antecede imediatamente o aparecimento das obras de Roboredo.

Ligação da doutrina linguística do século XVI e início do século XVII com a tradição anterior

A ligação da filologia renascentista à da Antiguidade clássica está bem estudada. A linguística antiga, no decurso de uma longa tradição, desde Platão, Aristóteles, Dionísio e Varrão até Donato e Prisciano, formulou os principais conceitos necessários à descrição da língua. A Europa Medieval e Renascentista herdou da Antiguidade o cânone gramatical, as noções de letra, sílaba, palavra,

¹⁹ MOURA, J. V. GOMES DE. *NOTICIA SUCCINTA DOS MONUMENTOS DA LINGUA LATINA E SUBSIDIOS NECESSARIOS PARA O ESTUDO DA MESMA*. Coimbra, 1823, 352-354.

²⁰ SILVA, *op. cit.*

de partes do discurso e suas categorias, de oração, etc.²¹. Os próprios gramáticos portugueses sublinham a sua relação com os autores clássicos. Entre os filólogos antigos, citados por gramáticos portugueses, figuram Aristóteles, Dionísio, Cícero, Varrão, Quintiliano, Aulo Gélíio, Probo, Donato, Prisciano, entre muitos outros.

A influência da Idade Média na linguística renascentista, sendo menos evidente, não deixa de ser considerável. A historiografia do século XX, depois de um longo desinteresse pela linguística medieval, reconheceu a importância da doutrina gramatical modista da Idade Média (Roger Bacon, Siger de Brabante, Siger de Courtray, Boethius de Dacia, Thomas de Erfurt) na formação das ideias linguísticas modernas²². No entanto, na investigação dos caminhos desta influência ainda há certas lacunas, que só podem ser preenchidas com o estudo de um corpo mais vasto de textos linguísticos. Apesar de não haver nas obras dos gramáticos portugueses referências aos autores medievais, nos textos dos séculos XVI e XVII há alguns vestígios da doutrina gramatical da Idade Média. Não devemos esquecer que no Portugal quinhentista a tradição escolástica florescia e conservava-se o prestígio de Duns Scot, a quem a tradição atribuía uma das gramáticas especulativas, *DE MODIS SIGNIFICANDI SIVE GRAMMATICA SPECULATIVA*,

²¹ ROBINS, R. H. *ANCIENT AND MEDIAEVAL GRAMMATICAL THEORY IN EUROPE*. London, 1951. ROBINS, R. H. *A SHORT HISTORY OF LINGUISTICS*. London, New York, 1979. KUKENHEIM, L. *CONTRIBUTIONS À L'HISTOIRE DE LA GRAMMAIRE ITALIENNE, ESPAGNOLE ET FRANÇAISE À L'ÉPOQUE DE LA RENAISSANCE*. Amsterdam, 1932. KUKENHEIM, L. *CONTRIBUTIONS À L'HISTOIRE DE LA GRAMMAIRE GRECQUE, LATINE ET HÉBRAÏQUE À L'ÉPOQUE DE LA RENAISSANCE*. Leiden, 1951.

²² BURSILL-HALL, G. L. *SPECULATIVE GRAMMARS OF THE MIDDLE AGES*. The Hague-Paris, 1971 (*Approaches to Semiotics*, 11); BURSILL-HALL, G. L. *GRAMMATICA SPECULATIVA OF THOMAS OF ERFURT*. London, 1972; BURSILL-HALL, G. L. *SOME NOTES ON THE GRAMMATICAL THEORY OF BOETHIUS OF DACIA*. In: *History of Linguistic Thought and Contemporary Linguistics*. Berlin, New York, 1976, 164-188; BURSILL-HALL, G. L. *THE MIDDLE AGES*. In: *Current Trends in Linguistics*. Vol. 13. *Historiography of Linguistics*. The Hague-Paris, 1975; HUNT, R. W. *THE HISTORY OF GRAMMAR IN THE MIDDLE AGES*. Amsterdam, 1980; LAKOFF, R. *LA GRAMMAIRE GÉNÉRALE ET RAISONNÉE, OU LA GRAMMAIRE DE PORT-ROYAL*. In: *History of Linguistic Thought and Contemporary Linguistics*. Berlin, New York, 1976, 348-373; PADLEY, J. A. *GRAMMATICAL THEORY IN WESTERN EUROPE. 1500-1700*. Cambridge, 1976. PERCIVAL, W. KEITH. *THE GRAMMATICAL TRADITION AND THE RISE OF THE VERNACULARS*. In: *Current Trends in Linguistics*, vol. 13. *Historiography of Linguistics*, Mouton, The Hague-Paris, 1975. PERCIVAL, W. KEITH. *DEEP AND SURFACE STRUCTURE CONCEPTS IN RENAISSANCE AND MEDIAEVAL SYNTACTIC THEORY*. In: *History of Linguistic Thought and Contemporary Linguistics*. Berlin, New York, 1976, 238-253. ROBINS, op. cit.; SALUS, P. H. *UNIVERSAL GRAMMAR 1000-1850*. In: *History of Linguistic Thought and Contemporary Linguistics*. Berlin, New York, 1976, 85-101.

hoje atribuída a Thomas de Erfurt ²³. Um exemplo expressivo da conservação da doutrina medieval encontra-se na gramática de M. de Sousa ²⁴. Na gramática de F. de Oliveira encontramos uma classificação de palavras que testemunha a atenção ao aspecto lógico-semântico da língua e, talvez, à noção de modo ²⁵. Num gramática mais tardia, a de F. Pereira, também observamos vestígios do conceito medieval de modo ²⁶. A linguística renascentista conserva e desenvolve, como veremos mais abaixo, uma das ideias básicas da doutrina medieval — a noção da língua universal.

É evidente que a filologia portuguesa não estava isolada das correntes renascentistas ²⁷, representadas nas obras de Valla, Nebrija, Speroni, Linacre, Bembo, Trissino, Dubois, Valdés, Scaliger, du Bellay, Meigret, Jambullari, Villalón, Ramus, Sanchez (de las Brozas), entre outros. Uma das principais questões da época era o funcionamento da língua na sociedade, que aflora na apologia da língua nacional, característica de toda a época renascentista logo a partir dos tratados provençais e catalães dos séculos XII-XIV e da obra de Dante. Outra inovação, em parte ligada à primeira, é a aplicação do cânone gramatical antigo a novas línguas, o que contribuiu para o desenvolvimento da ideia da língua universal ²⁸, herdada do Medieval. O número de línguas submetidas à descrição gramatical cresce constantemente: criam-se gramáticas de vernáculos, do hebraico e de línguas exóticas recentemente descobertas. A síntese de várias ideias da tradição anterior — antiga, medieval e renascentista — e uma nova situação sociolinguística criaram as condições para aparecerem, no Portugal do século XVI e começos do século XVII, numerosos e variados textos linguísticos.

²³ SCOTUS, *op. cit.*

²⁴ SOUSA, M. DE. *INSTITUTIONES* [...]. Coimbra, 1535.

²⁵ OLIVEIRA, F. DE. *GRAMMÁTICA DA LINGUAGEM PORTUGUESA*. Lisboa, 1536, cap. XXX,

²⁶ PEREIRA, *op. cit.*

²⁷ KUKENHEIM, *op. cit.*

²⁸ «Assim os gramáticos começam por aplicar esses quadros, laboriosamente, à língua vulgar. [...]. Mas, num salto qualitativo, não se detêm aí: o modelo universal, conveniente a todas as línguas, e comprovada já essa conveniência mediante a gramaticalização das línguas vulgares, vai, de imediato, ser aplicado às línguas exóticas.» BUESCU, 1983 (*O ESTUDO...*), 16-17.

A linguística portuguesa no primeiro quartel do século XVII

No primeiro quartel do século XVII, a linguística portuguesa vai ocupar-se da descrição de várias línguas. São publicados, além de dicionários e retóricas, os seguintes textos linguísticos de autores portugueses: gramáticas do latim ²⁹, obras dedicadas à língua portuguesa ³⁰, a gramática hebraica de Távora ³¹, gramáticas de línguas da Índia, do Brasil e do Japão ³².

Apologia da língua nacional

Um dos principais temas da linguística da época é a apologia da língua materna. No século XVI, prestam-lhe a maior atenção F. de Oliveira, J. de Barros, P. Magalhães de Gândavo, D. Nunes de Leão; no século XVII, desenvolviam este tema, além de Roboredo, Faria e Ferreira de Vera ³³. Esta problemática encontra-se em todas as línguas no período da sua consolidação enquanto línguas nacionais: consciência do papel da língua na fixação da identidade nacional; percepção de que a ilustração, o enriquecimento do vernáculo e a fixa-

²⁹ SOUSA, *op. cit.*; RESENDE, A. DE. I. ANDRIAE RESENDII DE VERBORUM(M) CONIUGATIONE COMMENTARIUS. Olissipone, 1540; CARDOSO, J. INSTITUTIONES IN LINGUAM LATINAM [...]. Lisboa, 1562. CLENARDO, N. INSTITUTIONES GRAMMATICAE LATINAE [...]. Bracarum, 1538. Foi em Portugal que este humanista flamengo publicou a sua gramática latina. ALVARES, M. EMMANUELIS ALVARI [...]. GRAMMATICA LIRRI TRES. Olyssipone, 1572.

³⁰ OLIVEIRA, *op. cit.*; BARROS, J. DE. GRAMMATICA DA LINGUA PORTUGUESA. DIALOGO EM LOUVOR DA NOSSA LINGUAGEM. Olyssipone, 1540. Barros também é autor de uma gramática latina, que foi editada só no século XX (BUESCU, 1972, *op. cit.*), e cujo manuscrito se guarda na Biblioteca Nacional. GÂNDAVO, P. MAGALHÃES DE. REGRAS QUE ENSINAM A MANEIRA DE ESCREVER E ORTHOGRAPHIA DA LINGUA PORTUGUESA, COM HUM DIALOGO QUE A DIANTE SE SEGUE EM DEFENSAM DA MESMA LINGUA. Lisboa, 1574. LEÃO, D. NUNES DE. ORTHOGRAPHIA DA LINGUA PORTUGUESA [...]. Lisboa, 1576; LEÃO, D. NUNES DE. ORIGEM DA LINGUA PORTUGUESA [...]. Lisboa, 1606. FARIA, M. S. DE. DISCURSOS VARIOS POLITICOS, DISCURSO II [...]. Évora, 1624.

³¹ TAVORA, F. GRAMMATICA HEBRAEA [...]. Conimbricæ, 1566.

³² A gramática de Henriques não foi publicada. HENRIQUES, H. ARTE DA LINGUA MALABAR. Manuscrito do séc. XVI. RODRIGUES; ANCHIETA, J. DE. ARTE DE GRAMMATICA DA LINGUA MAIS USADA NA COSTA DO BRASIL [...]. Coimbra, 1595. FIGUEIRA, L. ARTE DA LINGUA BRASILIICA [...]. Lisboa, (1621).

³³ VERA, A. FERREIRA DE. ORTHOGRAPHIA OU MODO PARA ESCREVER CERTO NA LINGUA PORTUGUESA [...]. Lisboa, 1631. VERA, A. FERREIRA DE. BREVES LOUVORES DA LINGUA PORTUGUESA [...]. Lisboa, 1631.

de uma norma são tarefas prioritárias; prova da «gramaticalidade» da língua, ou seja, demonstração da possibilidade de descrever o vernáculo segundo o cânone gramatical elaborado para a descrição do latim. Em Portugal, a apologia da língua nacional tem, além destas características mais universais, algumas já particulares. Em primeiro lugar, dá-se atenção às novas responsabilidades da língua resultantes dos Descobrimentos, saindo a língua portuguesa para fora dos limites do território do país. Outro aspecto é a necessidade de defender a língua nacional da do país vizinho. Outra especificidade portuguesa é a de não ter havido necessidade de lutar contra línguas regionais, ou dialectos fortes, como aconteceu em outros países românicos. Os primeiros filólogos portugueses reflectem todo o conjunto das questões de apologia, notando-se certas diferenças nas suas posições. O mais radical na defesa da língua materna é o autor da primeira gramática portuguesa. F. de Oliveira presta a maior atenção ao significado da língua para a história do povo e para o estado nacional e ao papel do português nos novos territórios: «a lingua e a vñdade della he mui certo apellido do reyno do senhor e da irmandade dos vassallos» (Capítulo xxxiiij, C6^v). A atitude de Oliveira face ao latim distingue-o de outros humanistas: segundo este, devem servir de exemplo para a língua portuguesa não concretas formas latinas, mas a riqueza, o acabamento do latim em geral e a atenção à língua.

Porque Greçia e Roma so por isto ainda viuê: porq̃ quão senhoreauão o mundo mandarão a todas as gentes a elles sogeytas aprender suas linguas: e em ellas escreuião muytas boas doutrinas e não somête o que entendião escreuião nellas: mas tambem trasladauam parellas todo o bo que lião em outras. E desta feyção nos obrigarão a que ainda agora trabalhemos em aprender e apurar o seu esqueçendo nos do nosso não façamos assy mas tornemos sobre nos agora que he tempo e somos senhores porque melhor he que ensinemos a Guine ca que sejamos ensinados de Roma: ainda que ella agora teuera toda sua valia e preço (Quarto Capítulo, A4).

É típica a observação de Oliveira, notando que o latim nem sempre desempenhava com êxito o papel da linguagem da ciência:

nesta lingua latina digo vejo âtre os letrados della assi como são de diuersas faculdades hauer diuersos vocabolos e geitos de falar e dizêdo todos hũa mesma cousa não sentendem antre si. Mas os grâmaticos zombão dos logicos: e os sumulistas apupão aos rheitoricos: e assi de todos os outros. (Capítulo xxxviii, D3).

Ao indicar os defeitos do latim da universidade, Oliveira, diferentemente de Valla, Scaliger e Sanchez de las Brozas, parece mais preocupado em saber que língua é mais adequada para linguagem da ciência, do que com a qualidade do latim dos seus contemporâneos. Isto não significa que o humanista português fosse indiferente à corrupção do latim, que criticou (capítulos XVI, XXXVIII). Ao descrever a língua portuguesa, Oliveira, além dos termos que remontam à tradição latina, usa termos portugueses, inventados por ele. Na gramática, atenta nos fenómenos do português, no seu uso, e no dogma gramatical latino: «côtra estes e muitos mais e milhores val so a autoridade de Quintiliano e muito mais a esperiência da nossa ligua» (Capítulo xvij, B4^v). Uma das características da apologia da língua materna feita por Oliveira é a sua defesa, dado o crescente bilinguismo português-castelhano, da influência da língua do país vizinho.

Aquí quero lêbrar como em Portugal temos hũa cousa alhea e com grande disonância onde menos se deuia fazer: aqual e esta. que a este nome rey damoslhe artigo castelhano chamandolhe elrey: não lhe hauíamos de chamar se nã: o rey [...]: porque o nosso rey e senhor pois tem terra e mando: tenha tambem nome proprio e destinto por si: e a sua gente tenha fala ou linguagem não mal mesturada mas bem apartada: para que seja o rey mais nosso dizer que elrey: ajuda me muito o natural da nossa lingua o qual imitação os castelhanos quando nos querem arremedar dizêdo. Mãda o rey de portugal. e não dizẽ mãda el rey de portugal: q̃ a elles era mais proprio dizer mas isto fazem cuidãdo q̃ assi falão mais portugueses: e de feito não se enganão (Capítulo xliij, D8-8^v).

O gramático critica aqueles que, mal «chegão a Toledo: logo se não lêbrão de sua terra a q̃ muito deuem. E em vez de apurãr sua lingoa corrompẽna com emprestilha: nos quaes não podem ser perfeitos» (Capítulo seysto, A6).

As posições de J. de Barros na apologia são mais moderadas e mais tradicionais. Tal como Oliveira, presta atenção ao significado nacional da língua, ao seu papel nas novas terras, mas a atitude face ao latim difere da dos primeiros gramáticos portugueses. Barros compreende a apologia do vernáculo enquanto defesa da sua proximidade em relação ao latim e demonstra a sua «gramaticalidade» ao aplicar ao português, nítida e consequentemente, o cânone gramatical antigo com o fim de mostrar na língua materna as mesmas categorias que tem a latina; assim, aceita incondicionalmente a terminologia tradicional.

E por que (como ia disse) por sermos filhos da língua latina, temos tanta conformidade com ella, que conuê usármos dos seus termos: principalmente em cousas que tem seus próprios nomes, dos quães nã deuemos fogir (*Grammatica*, II).

Os tratados de D. Nunes de Leão testemunham o aparecimento de novos aspectos na apologia, que deixa de implicar a afirmação da superioridade do português sobre as outras línguas, não contrariando a demonstração do parentesco da língua portuguesa não só com o latim (tema importante já para Oliveira e Barros), como também com outras línguas românicas.

A filologia portuguesa do século XVI e de começos do século XVII apresenta vários aspectos da apologia da língua nacional: a defesa da totalidade do paradigma funcional da língua materna, a prova do seu carácter sistemático e o aparecimento do plano histórico. A apologia chegou a ser ponto de partida para a elaboração de outros problemas, importantes para o desenvolvimento da doutrina linguística da época.

Problemas de norma

Um dos aspectos essenciais da linguística portuguesa na época da sua codificação ³⁴ é a atenção aos problemas da norma. Na gramática de F. de Oliveira, que combina a codificação prática da língua portuguesa com as questões teóricas, a concepção de norma surge muito próxima da do século XX ³⁵. Este gramático é um dos primeiros na linguística europeia a formular o próprio conceito de norma — expondo a ideia de «uso», «costume», «bom costume» —, o qual deve ser fixado na gramática: «As regras ou leys q digo [de cujo mandato se rege esta arte ³⁶] são como disse anotações do bo costume» (Capítulo xlii, D6^v). A orientação segundo o uso proclama-se como um princípio universal:

³⁴ A codificação do português realiza-se nas obras de Oliveira, Barros, Magalhães de Gândavo, Nunes de Leão, no primeiro quartel do século XVII, na obra de Ferreira de Vera, mais tarde, na de B. Pereira (PEREIRA, B. *REGRAS GERAYS BREVES & COMPREHENSIVAS DA MELHOR ORTOGRAFIA* [...]. Lisboa, 1966) e J. F. Barreto, (BARRETO, J. F. *ORTOGRAFIA DA LINGUA PORTUGUEZA* [...]. Lisboa, 1671).

³⁵ Mais de um século antes de *REMARQUES SUR LA LANGUE FRANÇAISE* de Cl. Vaugelas (VAUGELAS, CL. *REMARQUES...* (Facsimilé de l'édition de 1647 (éd. J. Streicher). Paris, 1934.

³⁶ I. é, gramática.

em cada lingua notemos o proprio do costume della: ca esta arte de grammatica em todas as suas partes [...] e resguardo e anotação desse costume e uso tomada depois q̃ os homẽs souberão falar: e não lei posta q̃ os tire da boa liberdade quão e bẽ regida e ordenada por seu saber: nẽ e diuindade mādada do çeo que nos possa de nouo ensinar (Capitolo xli, D6).

Na gramática de Oliveira aparece o conceito de «melodia», «natureza da nossa língua» diferente do costume ³⁷, que antecipa a diferenciação de «costume» e «razão», na linguística dos séculos XVII-XVIII, e dos conceitos de norma e sistema do século XX. Nas primeiras descrições da língua portuguesa está presente um importante aspecto do conceito de norma — a escolha de variantes (fonéticas, gráficas e ortográficas, bem como morfológicas e lexicais) que se consideram correctas. Os filólogos quinhentistas diferem nos princípios desta escolha. A codificação de Oliveira apoia-se no uso real e isto determina o seu êxito: é digno de nota que algumas variantes recomendadas pelo gramático quinhentista, rejeitadas na época posterior, seriam reconhecidas como normativas depois da reforma ortográfica de começos do século XX. Para Barros, é muito importante, além do uso, o sistema; daí as propostas de reconhecer, por vezes, como modelares não as formas mais usadas na linguagem corrente, mas as variantes, cuja escolha é determinada por analogia. Nunes de Leão, mais do que os seus precursores, liga a codificação à história da língua:

porque como a certa &c ordenada maneira de screver, não possa ser sem saber o sentido, propriedade, &c origem das palavras (Leão, 1576, A4); E agora por me refocillar do trabalho de outros estudos mais pesados, tentei fazer este tractado da origem da mesma lingua, &c das outras mais de Hespanha, perque de hoje em diante se poderá fallar mais polido, &c screuer mais concertado (Leão, 1606, §3^o).

Os autores portugueses distinguem variedades territoriais e sociais da linguagem. Oliveira escreve sobre «os caualeiros q̃ tẽ hũs vocabolos: e os lauradores outros: e os cortesãos outros: e os religiosos outros: e os mecanicos outros: e os mercadores outros: ou rãbẽ se faz ẽ terras esta particularidade porq̃ os da beira tem hũas falas e os Dalentejo outras: e os homẽs da estremadura são diferen-

³⁷ OLIVEIRA, *op. cit.*, caps. vi, xli.

«dos dantre douro e minho: porq̃ assi como os tēpos assi tãbē as terras crião
 diversas cōdições e cōçeitos: e o velho como tē o entender mais firme cō o q̃ mais
 sabe tambe suas falas são de peso e as do mançebo mays leues» (Capitolo xxxvii,
 D1^o). Como base territorial da norma não se indica a linguagem da capital, mas
 uma vasta zona no Sul do país, oposta aos arcaizantes dialectos do Norte:

sendo eu moço peño fui criado em são domingos Deuora onde fazião
 zōbaria de m̃y os da terra porq̃ o eu assi pronúciava segūdo q̃ o apren-
 dera na beira (Capitolo xlvii, E4-4^o);

das dições velhas tomemos as mais nouas e q̃ são mais vezinhas de
 nosso tempo: assi como tambe das nouas hauemos de tomar as mais
 antigas e mais recebidas de todos ou da mayor parte [...] muitas vezes
 alghūas dições q̃ ha pouco são passadas são ja agora muito auorreçadas:
 como abem/ajuso acujuso/a suso/ e hoganno/algorrem: e outras
 muitas; e porē se estas e quaesquer outras semelhantes as meteremos
 em mão dhū homē velho da beyra: ou aldeão não lhe parecerão mal
 (Capitolo xxxvi, D1^o).

No que se refere à base social da norma, na gramática de Oliveira, apresen-
 ta-se como normativa não a linguagem de uma *élite* — a corte — mas de uma
 vasta camada social, caracterizada pelo seu nível cultural e pela afeição à língua:

seja cōforme a melodia da nossa lingua e seja entregue não a qualquer
 pessoa mas aquelles de cujo saber e vontades nos poderemos fiar
 (Capitolo xli, D5);

a primeira e principal virtude da lingua e ser clara e q̃ a possão todos
 entender e pera ser bem entēdida ha de ser a mais acostumada antre
 os milhores della e os milhores da lingua são os q̃ mais lerão e virão e
 viuerão continoando mais antre primores sisudos e assentados e não
 amigos de muita mudāça (Capitolo xxxviii, D3).

É também inovadora a compreensão da base funcional da norma, exposta
 na gramática de Oliveira. Este autor presta muita atenção quer à linguagem
 escrita, quer à oral, que não só se considera uma importante fonte das variantes
 padrão, mas chega a ser objecto da codificação. A doutrina linguística portu-
 guesa da época revela que a norma é consciente, obrigatória, estável, histórica, e
 que o núcleo da norma é constituído pelos fenómenos não marcados, enquanto
 os fenómenos estilística ou territorialmente marcados, arcaicos ou novos, ficam
 na periferia da norma literária.

Conceito de história da língua

O estudo dos monumentos filológicos portugueses permite que se fale do nascimento, na filologia portuguesa do século XVI e de começos do século XVII, de uma atitude histórica perante a língua. Nunes de Leão apresenta uma das primeiras exposições do conceito de história da língua ³⁸. A linguística da época assume uma nova atitude perante a mudança linguística, reconhecendo a mutabilidade da língua como uma sua característica:

muy poucas são as cousas q̃ durão por todas ou muitas idades em hũ estado quanto mais as falas q̃ sempre se conformão cõ os conçeitos ou entenderes/juyzos e tratos dos homẽs (Oliveira, Capitulo xxxvi, D1^v); posto que o vso do falar tenha seu mouimẽto como elle [Marco Varrao] diz e não perseuere hũ mesmo ãtre os homẽs de todas as idades (Oliveira, Capitulo xliij, D6^v).

Assi como em todas cousas humanas ha continua mudança & alteraçãõ, assi he tambem nas lingoagẽs (Leão, 1606, 1);

sendo as lingoagẽs tam mudauel cousa, e q̃ em pouco tempo se alteraõ tanto (Leão, 1606, 8);

as mudanças q̃ as lingoas vaõ fazendo cada dia (Leão, 1606, 12).

O facto de Nunes de Leão escrever sobre as mudanças históricas em várias línguas — latina, fenícia, basca e línguas românicas — demonstra que as mudanças começam a considerar-se propriedade universal da língua. Na tradição anterior, medieval e pré-renascentista, o latim considerava-se estável e opunha-se às línguas vulgares, mutáveis e por isso inferiores. Os autores portugueses do século XVI e de começos do século XVII rejeitam a compreensão das mudanças enquanto corrupção da língua, considerando a mutabilidade como uma característica de todas as línguas, tanto as nacionais, como as clássicas: «E e manifesto que as linguas Grega e Latina primeiro forão grosseiras: e os homẽs as poserão na perfeição q̃ agora tem» (Oliveira, Quarto capitulo, A4-4^v). As mudanças dei-

³⁸ Não só no tratado *ORIGEM DA LINGUA PORTUGUESA*, publicado em 1606, mas escrito antes de 1601 (a data da primeira licença é de 10 de Julho de 1601), que é a primeira descrição sistemática da história do português, mas também na *ORTHOGRAFIA DA LINGUA PORTUGUESA*, que já contém as principais ideias da concepção histórica da língua e que é anterior ao tratado do filólogo espanhol B. J. de Aldrete (ALDRETT, B. J. *DEL ORIGEN, Y PRINCIPIO DE LA LENGUA CASTELLANA* [...], Roma, 1606).

xam de ser apreciadas negativamente como corrupções características das línguas vulgares, distintas de um latim imutável e «gramatical». A nova compreensão das mudanças é resultado da apologia da língua materna. O estado coevo da língua é visto como o resultado do seu desenvolvimento ocorrido em épocas anteriores. Os autores portugueses demonstram isto com factos da história do português, com dados de dialectos e de outras línguas da Península. Esta posição prepara a base para a nova atitude, histórica, perante a língua. Oliveira e Barros dirigem-se aos factos da história do português visando a sua codificação, ao explicarem fenómenos fonéticos e formas morfológicas irregulares. Nos tratados de Nunes de Leão, a origem e a história do português já chega a ser um objecto especial de descrição linguística. Antecipando algumas ideias da linguística histórica, este último expõe relações fonéticas regulares entre o latim, o português e outras línguas românicas.

A corrupção ³⁹ per troca de hūas letras por outras he mui comū, & q̃ cōprendē as mais das palauras, porq̃ de ecclesia dizemos igreja, de desiderīū desejo, de cupiditas cobiça. Na qual maneira de corrupção ha hūas certas letras que quasi sēpre respondē a outras, como o diphthōgo au, dos latinos a, q̃ os Portugueses respōde com o seu ou, como por audio, ouço, por aurum ouro, por taurus touro, por laurus louro, por maurus mouro, por caulis couue, & por paucus pouco. [...] Da mesma maneira se mudão as letras em outras semelhantes como he o l. em r. & o p. em b. o t. em d. Porq̃ por obligar dizemos obrigar, por blandus brando, [...] por amatus, amado [...]. (Leão, 1606, 35-36); As letras entre si teem hūas com as outras muita semelhança, & afinidade, & por tão facilmente se corrōpem & mudão hūas em outras, não soamente de hūa lingua a outra, mas em hūa mesma lingua. Polo que teendo noticia desta semelhança, & mudança, que fazem de hūas em outras, facilmente viremos dar cō a origem dos vocabulos corruptos. [...] A. primeiramente se muda em .e. como de alacris, alegre. factus, feito. amaui, amei. & aas vezes ē .o. como são todolos diphthongos de .au. em .ou. como de aurum, ouro. de laurus, louro. de taurus, touro [...]. B. mudase em .u. como de debeo, deuo. de caballus, cauallo [...]. C. mudase em .g. como de cæcus, cego. locusta, lagosta. [...]. E o .gn.

³⁹ O termo «corrumpen», «corrupção», tradicional para a linguística da época, utiliza-se como sinónimo de «mudar» e começa a significar mudanças fonéticas, perdendo o carácter depreciativo.

corrumpese em .nh. como de lignum, lenho. [...]. I. mudase em .e. como de cibus, ceuo. [...] de bibo, bebo. [...]. L. corrumpese em .r. como de blandus, brando. de clauus. crauo. E quando vem depois de .c. f. p. corrumpese em .ch. como de clauis, chaue. de flamma, chama. de plaga, chaga. [...]. T. corrumpese em .d. como de amatus, amado. de auditus. ouuido de fatum, fado (Leão, 1576, 25-26)⁴⁰; sempre onde a Castelhana diz, an. ou .on. que he sua particular terminação, responde a Portuguesa com aquella pronunciação de .ão. que succede em lugar da antiga terminação dos Portugueses de .om. q punhão, em lugar de .an. ou .on. dos Castelhanos. A qual ainda agora guardão algũs homẽes d'entre Douro & Minho, & os Gallegos, que dizem, fizerom, amarom, capitom, cidadom, taballiom, apellaçom. O qual respecto, & analogia, se guardão em muitas palauras, hũas lingoas a outras, como se vee nas lingoas, Latina, Thoscana, Castelhana, & Portuguesa, em muitos nomes, que começão em letra muta com liquida, que sempre vão em hũa proporção, respondendo hũas lingoas a outras, como se vee nestas exemplos seguintes (Leão, 1576, 29-29^v).

E logo, na mesma obra, Nunes de Leão dá tabela de algumas correlações entre o latim e línguas românicas: *clamare* / *chiamare* / *llamar* / *chamar*, *flamma* / *fiamma* / *llama* / *chama*, etc.

Ao estudar a origem do léxico português, este autor dá etimologias de mais de 1660 palavras portuguesas, uma grande parte das quais é correcta, graças à nova compreensão do próprio objectivo dos estudos etimológicos. Apesar de o termo «etimologia», nos textos filológicos da época, pertencer (tal como o termo «analogia») à parte da gramática que a linguística do século XX denomina «morfologia», no tratado de Nunes de Leão esse termo aparece com um novo significado, próximo do dos nossos dias:

Natural cousa he aos que se entremettem a fallar algũa lingua alhea desencaminharse das regras, & propriedade della, [...] mórmente quando as lingoas são mui dessemelhantes como aconteeo aos Godos, &

⁴⁰ Quem primeiro apresentou com sistematicidade as relações fonéticas entre o latim e o vulgar, dando grandes listas de palavras latinas e francesas correspondentes, foi J. Dubois (DUBOIS, J. *JACOBI SYLVI AMBRIANI IN LINGUAM GALLICAM ISAGOGUE* [...], Parisiis, 1531, 11-89); porém, o objectivo de Dubois foi o de dar as correspondências entre as duas línguas e não a descrição detalhada das origens do léxico francês.

Vandalos, & outros taes nascidos na Gothia, & na Sarmacia. Vindo a Hespanha onde a lingua Latina casta & pura que se fallaua corromperaõ, adulterando os vocabulos, & mudandoos em outra forma. E significado differente, & introduzindo outros de nouo de suas terras [...]. Das quaes corrupções poremos algũs exemplos perque os lectores saberaõ muitos segredos desta lingua, que atequi não entendiaõ. E a etimologia de muitos vocabulos que lhes abrirea os olhos para inuestigare o mais (Leão, 1606, 33-34).

Os autores portugueses recusam a análise, tradicional desde Platão, da correspondência do nome à coisa designada. Oliveira e Barros criticam etimologias que relacionam o nome da coisa com as suas propriedades ⁴¹. Nunes de Leão escreve já directamente sobre a arbitrariedade do signo: «Polo que como as palavras são annunciadoras dos conceptos, que são tam varios, assi são ellas varias, & mudaueis, como cousa arbitraria, & em que o pouo tem jurdição» (Leão, 1606, 2-3). A inovação de Nunes de Leão consiste na subordinação da semântica e da fonética da palavra à sua origem. O resultado é a aproximação, pelo ~~autor~~, da compreensão moderna do objectivo da etimologia, enquanto estudo das fontes e processos de formação do vocabulário da língua. As etimologias de Nunes de Leão determinam quando, em que língua, em que forma e com que significado surgiu a palavra e quais as modificações fonéticas e semânticas que condicionaram a sua forma moderna. Tudo isto fornece razões para caracterizar a obra de Nunes de Leão como a primeira gramática histórica e a primeira experiência da criação de um dicionário etimológico da língua portuguesa. Os monumentos filológicos portugueses demonstram que o início da atitude histórica perante a língua está na época renascentista, quando aparece um novo tipo de descrição da língua, histórico, e começam a formar-se novas disciplinas linguísticas: fonética histórica, gramática histórica, lexicologia histórica e etimologia.

Descrição do português

É natural que os filólogos portugueses prestem muita atenção a vários níveis do sistema da língua, apresentando uma série de ideias inovadoras no âmbito da fonética e da morfologia e dentro desta última especial relevo à formação de palavras.

⁴¹ OLIVEIRA, *op. cit.*, cap. xxxj, C4^o; BARROS, *GRAMMATICA*, A4.

a) Fonética, grafia e ortografia

As questões de fonética, grafia e ortografia ocupam um lugar importante nas gramáticas e ortografias da época da codificação da língua portuguesa. A obra de Oliveira é um brilhante ensaio de fonética portuguesa. O tratado *ORTOGRAPHIA* de Nunes de Leão, contendo, além das regras ortográficas (como os textos de Oliveira, Barros e Gândavo), listas de exemplos representativos, pode considerar-se a primeira experiência de dicionário ortográfico para a língua portuguesa. Nas descrições da fonética, grafia e ortografia são reveladas oposições fonológicas características da língua portuguesa (das vogais abertas e fechadas, nasais e orais, consoantes vozeadas e não-vozeadas), que os gramáticos e ortografistas tentam espelhar no alfabeto e na ortografia. Na gramática de Oliveira achamos um trecho que antecipa a noção de fonema:

O propria [*sic*] de cada letra entendemos a particular pronunçiação de cada hũa: e o comũ chamamos aquela parte da pronũçiação e força em que se hũa parece cõ a outra[.] E isto nos manda quintiliano bem ver: porq̃ nisto cõsiste o saber ler: e mais q̃ saber ler: e he verdade q̃ se não teueremos çerta ley no pronũciar das letras não pode auer çerteza de preçeitos: nem arte na lingua: e cada dia acharemos nella mudança não somente no som da melodia: mas tãbẽ nos sinificados das vozes: porq̃ so mudar hũa letra: hũ acento ou som e mudar hũa quantidade de vogal grande a pequena: ou de pequena a grande: e assí tãbem de hũa cõsoante dobrada em singela: ou ao cõtraíro de singela em dobrada: faz ou desfaz muito no sinificado da lingua (Capítulo undecimo, A8).

A atenção à linguagem oral leva este autor à descrição de movimentos articulatorios:

e com tudo quaesquer q̃ se pareçẽ ainda que muito consigo trazem alghũa çerta maneyra de mouer a boca / lingua / dentes / e beyços / ou formar o espirito poronde temos neçessidade de as particularizar (Capítulo xvij, B5);

.c. [k] Pronunçiasse dobrado a lingua sobre os dentes queyxaes: fazendo hũ çerto lombo no meyo della diante do papo: casi chegando cõ esse lombo da lingua o çeo da boca e empedindo o espirito: o qual per força faça apartar a lingua e faças e quebre nos beyços com impeto (Capítulo treze, B1).

A descrição da fonética e a sua reflexão na grafia e ortografia testemunham que os primeiros gramáticos portugueses distinguiam, até terminologicamente, os conceitos de letra e de som.

b) Problema da unidade de palavra; formação de palavras

Uma das questões da história da linguística é a da unidade de palavra e de distinção de morfemas. Remontando a noção de palavra enquanto unidade a Aristóteles, é também desde a Antiguidade que se distinguem partes de palavra (prefixos ⁴² e algumas partes flexionadas). A filologia portuguesa dá um novo passo no sentido do conceito de morfema, ligado à descrição de formação de palavras e à apresentação das partes do discurso. Estas questões ocupam lugares diferentes nas primeiras gramáticas portuguesas. Barros, seguindo nitidamente o cânone gramatical antigo, inclui a formação de palavras na descrição das partes do discurso, como as *accidências* ⁴³ «espécie» e «figura». De modo diverso, Oliveira modifica o cânone e separa a descrição da formação de palavras e da morfologia das partes do discurso ⁴⁴. Analisando a formação de palavras, tanto na parte da sua gramática «Das dições» como na parte «Da analogia», o autor quinhentista reflecte sobre o carácter intermédio da formação de palavras, ligada tanto à lexicologia como à gramática, antecipando a sua conversão numa área específica do interesse linguístico. Sublinhando o papel da formação de palavras no processo de denominação e no enriquecimento do vocabulário, Oliveira presta, ainda, atenção à relação entre o nome e a realidade extralinguística, aplicando às tarefas práticas de codificação da língua portuguesa esta questão, importante desde Platão e Aristóteles até à escolástica.

A atenção dos gramáticos portugueses, sobretudo de Oliveira, aos meios formais de expressão de significados gramaticais e lexicais permitiram-lhes reconhecer muitos prefixos, sufixos e morfemas radicais da língua portuguesa. Como resultado, na linguística renascentista, a palavra deixa de ser considerada uma unidade indivisível.

⁴² Aos quais atribuíam o termo «preposição».

⁴³ Os termos «accidência», «accidente» das velhas gramáticas corresponde ao termo de categoria das partes do discurso na linguística do século XX.

⁴⁴ É de notar que a mesma tendência se revelaria na gramática de Sanchez. (SANCHEZ, [DE LAS BROZAS], FRANCISCI SANCTI BROZENSIS [...], MINERVA: SEU DE CAUSIS LINGUAE LATINAE. Salamanticae, 1587, 12-13^{va}).

c) Partes do discurso

Os autores portugueses desempenharam um papel importante na formação do conceito moderno de categorias da língua, ligado ao estabelecimento de princípios da descrição gramatical e, particularmente, à parte central da gramática, a apresentação das partes do discurso.

Uma das características da gramática de Oliveira é a falta de uma lista das partes do discurso, com as respectivas definições, já que o autor pretendia dedicar uma segunda obra à sua classificação, à semântica e sintaxe. Só podemos lamentar que este plano não tenha sido realizado, mas é significativo o simples facto de ele reconhecer a necessidade de distinguir gramáticas com fins diferentes: uma gramática que deve fixar as formas normais e outra cujo objectivo é o estudo dos aspectos semântico-sintácticos das partes do discurso. Oliveira segue vários critérios de distinção de classes gramaticais de palavras, contendo a sua obra três classificações. Com base num critério lógico-linguístico, destaca nome, verbo e modo. «Palavra e voz que senifica cousa ou auto ou modo: cousa como artigo e nome auto como verbo modo como qualq̃r outra parte da oração» (Capítulo xxx. das dições, C4) ⁴⁵. Baseando-se no critério formal, o gramático destaca palavras que se declinam e que não se declinam, i. e., palavras variáveis e invariáveis, no que segue Varrão ⁴⁶. Além disso, Oliveira acolhe a nomenclatura tradicional das partes do discurso ⁴⁷.

Esta apresentação provocou discussão sobre a hipótese de a sua obra ser, ou não, uma verdadeira gramática, em comparação com a de Barros, e alimentou as questões da primazia e superioridade entre os primeiros gramáticos portugueses. São conhecidas as diferentes apreciações de E. Louro e R. Sá de Nogueira, que, ao contrário do primeiro, considera a obra de Oliveira uma verdadeira gramática ⁴⁸. As repercussões da polémica encontram-se na investigação de M. L. Carvalhão Buescu:

⁴⁵ A distinção de três classes gramaticais de palavras, conhecida desde a Antiguidade, continua na Idade Média (COXITO, A. A. *LÓGICA, SEMÂNTICA E CONHECIMENTO NA ESCOLÁSTICA PRÉ-RENASCENTISTA*. Coimbra, 1981, 127 e segs.)

⁴⁶ Oliveira compreende a declinação em sentido lato, aplicando o termo tanto à flexão, como à derivação, distinguindo entre declinação natural e declinação voluntária (capítulos XI-XLVIII).

⁴⁷ É de notar que achamos também várias listas de classes gramaticais de palavras nas gramáticas de Prisciano (PRISCIANI INSTITUTIONUM GRAMMATICARUM, LIBER SECUNDUS, KEIL, H. *GRAMMATICI LATINI EX RECENSIONE*, vol. II, Lipsiae, 1855, p. 54) e de F. Sanchez de las Brozas (*op. cit.*, 10-11).

⁴⁸ LOURO, *op. cit.*, 1-2; NOGUEIRA, R. DE SÁ, Gramáticos portugueses do século XVI. *QUESTÕES DE LINGUAGEM*, 3.ª parte, Lisboa, 1936, 224-225.

A posição de Fernão de Oliveira é bastante difusa, uma vez que ele não se propõe apresentar uma obra sistemática, mas apenas 'anotar' a língua portuguesa [...] Assim, para ele a primeira divisão corresponde à distinção cratílina entre nome e verbo [...] esbatendo-se perante esta soberania, a 'poeira de palavras' que constituem a articulação da linguagem; [...] O nome e o verbo erigem-se pois, para Fernão de Oliveira, como os fundamentos de todo o discurso, cujo relacionamento é coberto pelo modo — o modo relativo de que fala Foucault — correspondente às outras partes da oração: [...] a verdade é que a sua doutrina se apresenta difusa e não se chega à distinção das restantes partes (Buescu, 1983, 155-156).

Comparando as duas primeiras gramáticas portuguesas, a investigadora refere a de Barros:

Quanto ao João de Barros, reconheceremos neste ponto a superioridade da sua obra em relação com a dos seus congêneres portugueses, já que Magalhães de Gândavo não aborda, no seu breve tratado ortográfico a problemática gramatical (Buescu, *ibid.*, 156).

Parece, no entanto, que o problema não se limita à não distinção, por Oliveira de outras partes da oração que não sejam o nome e o verbo. A análise do texto revela um bom conhecimento da tradição gramatical, na questão das partes do discurso, (de Prisciano e de Varrão, entre outros autores) ⁴⁹; bem como a proximidade em relação a um gramático mais tardio, destacado precursor das ideias de Port-Royal, Francisco Sanchez de las Brozas ⁵⁰. Porém, ao centrar-se nos aspectos teóricos e práticos da norma, Oliveira põe de lado as questões

⁴⁹ «Partes igitur orationis sunt secundum dialecticos duae, nomen et verbum, quia hae per se conjunctae plenam faciunt orationem, alias autem partes «syncategoremata», «insignificantia, appellabant» (PRISCIANI, *op. cit.*, 54).

⁵⁰ «Cum igitur Oratio sit finis grammatici, excutiamus ex quibus haec oratio possit consistere mihi sit, quod per orationem non possimus enuntiare. Sunt autem haec tria, nomen, particulae. [...] Id sentit Plutarchus in Question Platonicis: & D. Augustinus in Commento ex Aristotelis sententia tres partes orationis constituit. [...] Rursus verbis et nominibus modus per quem causarum ratio explicaretur» (SANCHEZ, 1587, 10-10^a).

das partes do discurso. Não considerando os aspectos semânticos e funcionais das partes do discurso como objecto de uma gramática normativa, Oliveira centra-se conscientemente no aspecto formal da palavra portuguesa e não nos princípios da sua classificação, que pretendia estudar numa outra obra.

Na gramática de Barros, que segue o cânone antigo, a descrição das partes do discurso é mais tradicional: o gramático dá definições e enumera as partes do discurso, incluindo artigo, nome, pronome, verbo, advérbio, particípio, conjunção, preposição e interjeição. Uma inovação importante de Barros é a caracterização do nome e do verbo como partes principais do discurso em todas as línguas, o que aproxima Barros da gramática universal e testemunha que na linguística quinhentista se esboça a recusa da «filosofia do nome», que prevalecia na tradição anterior:

totalas linguágẽes tem dous reis, diferentes em genero, &c concordes e officio: a hũ chamã. Nome, e ao outro, Verbo (*Grammatica*, 2); Como o Rey per razã de alteza de seu officio, se pôde chamãr cásy diuino, em cõparaçãm de seu pouo (posto que todos sciam da m`ssa dos quátro elementos:) assy estes nõssos dous reyes, nome e uerbo, dãdo que seia cõpõstos de letera e syllaba, primeiros elementos da linguágẽ: per razã da eçelẽcia e alto officio que tẽ gouernã e regẽ totalas linguágẽes da tẽrra (*Grammatica*, 17^v)¹¹.

Encontramos claramente, na descrição do nome feita pelos primeiros gramáticos portugueses, diferentes atitudes face à questão das partes do discurso. Oliveira só reconhece duas as categorias, que têm meios formais de expressão. Porque o nome português não tem formas especializadas na expressão de significados de vários casos, que se distingam por terminações, o gramático nega a existência em português da categoria de caso, reconhecendo só as categorias de género e de número.

Os nomes se declinão em generos e numeros (Capitolo xliiij, D8^v); esses casos mostram antrelles [latinos e gregos] o estado das cousas o

¹¹ A ideia de Barros, estendida por ele a todas as línguas, remonta à tradição anterior: «Ad hac intentionem Commentator IV. *Phys. cap. 14*, dicit, quod duo sunt modi principaliter entium, scilicet modus entis, et modus esse, a quibus sumpserunt Grammatici duas partes orationis principales, scilicet Nomen et Verbum.» (SCOTUS, *op. cit.*, 28).

qual e diuerso segundo os diuersos ofícios dessas cousas: porq̃ hum estado tem este nome homẽ quãdo faz: dizendo o homẽ senhoreya o mundo. E outro estado muy diuerso do premeiro tem quando padeçe: dizendo deos castiga o homẽ: e para estas diuersidades e outras muitas de estado ou offícios q̃ tem as cousas tem tambem os nomes antre os latinos e gregos diuersidade de letras diuidindo cada estado da cousa com sua diferença de letras no cabo do nome assi como nos dissemos que fazia a nossa lingua nos generos e numeros e posto q̃ este seja hũ grande primor e perfeição dessas linguas. declarar na voz as meudezas das cousas cõ a diuersidade da letra ou voz que dissemos: todauia a nossa lingua nem por isso ficou sem outro tam bo conçoerto e de menos trabalho. Este he o ajuntamento dos artigos os quaes juntos com os nomes declararão nelles tudo o que os casos Latinos e antros Gregos os casos e artigos juntamente: e assi como a nossa lingua faz tudo quãto essoutras cõ mais breuidade e facilidade e clareza (Capitolo xlii, 3^a-4).

Esta posição leva Oliveira a uma compreensão do caso, enquanto categoria gramatical (morfológica), e facilita-lhe a distinção dos principais morfemas gramaticais (flexionais). Um outro conceito de caso na linguística renascentista é apresentado por Barros.

Como è o nome e uerbo está a força de toda a linguágẽ, per o real poderio q̃ ambos nella tẽ [...] assy em declinar hũ, e cõiugar o outro, está o mais sustãcial e dificultoso de roda a grãmática. Esta difficultade mais è entre os Latinos e Gregos pola uariaçã dos casos, que açerca de nós e dos Hebreos; por que toda a sua e nõssa variaçã è de singulãr a plurãr.

Os Latinos tem çinquo declinações, os Gregos tẽ outras çinquo simples, [...] Os Hebreos tem duas, hũa dos nomes masculinos, e outra dos femininos. A nõssa linguágem declinasse em outras duas, a hũa podemos chamar, uogál, [...] e a outra consoante [...]. Declinaçãm açerca da nõssa linguágem quer dizer uariaçãm, por que quando uariamos o nome de hũ caso ao outro em o seu artigo, êtã õ declinamos, como se pôde uer nestas duas declinações [logo seguem paradigmas de «declinação»] (*Grammatica*, 12^a-13).

Como vemos, reconhecendo que no vernáculo não existem formas nominais específicas de caso, Barros considera, no entanto, que o nome português

tem a categoria de caso e dá paradigmas de declinação casual. Esta visão do problema aproxima Barros do conceito de categoria universal ⁵². Na historiografia linguística é corrente a apreciação das gramáticas renascentistas conforme o reconhecimento, pelo seu autor, da categoria caso no vernáculo ⁵³. No entanto, esta apreciação não parece justificada, se partirmos da possibilidade de existência de várias compreensões da categoria linguística. Como demonstram as gramáticas quinhentistas, a comparação de vários meios de expressão de significados gramaticais, sintéticos no latim e analíticos no vernáculo, leva a duas concepções da categoria: do critério formal resulta a negação da categoria caso no nome românico; do critério lógico-semântico, o seu reconhecimento. É notório que as duas atitudes documentam uma modificação da tradição. Oliveira, achando que em português não existe a categoria de caso, modifica o cânone gramatical ao recusar a descrição do paradigma da declinação casual. Porém, a compreensão da própria categoria de caso continua bem tradicional na sua gramática. Barros, reconhecendo-a no nome português, segue nitidamente o cânone da descrição gramatical e, como resultado, modifica a própria compreensão da categoria.

As mesmas diferenças caracterizam a classificação dos nomes. Nas gramáticas de Oliveira e Barros são diferentes os critérios de separação de substantivo e adjectivo ⁵⁴. O critério de Barros é sintáctico: «Nome aietiuo, ao que nam tẽ ser per sy: mas está emcostado ao sustantiuo, e pôde receber em sy esta paláura, cousa» (6). Por outro lado, o critério de Oliveira é morfológico: «os nomes ajetiuos e denotatiuos não tẽ çerto genero por si» (Capítulo xlv, Et^{va}). Os gramáticos seguem estes princípios ao apresentar outras partes do discurso e suas categorias (modo e voz do verbo). Enquanto Oliveira, partindo do critério formal, não encontra o optativo na língua portuguesa (Cap. xlvij), Barros, partindo dos critérios semântico-sintácticos, reconhece a existência do «modo desejador». Oliveira reconhece no português só uma voz: «Nos generos dos verbos não temos mais q̃ hũa so voz» (Capítulo xlvij, E4). Barros escreve sobre a voz verbal: «E por que nã temos uerbos da uoz passiuu soprimos este defeito per rodeo (como

⁵² «Tal situação corresponde, com efeito, a uma *praxis* que a linguística moderna considera o grande equívoco [...]. Pelo contrário, corresponde a um conceito abstracto, a uma tentativa para encontrar um modelo universal.» BUESCU, 1983, 170.

⁵³ KUKENHEIM, 1932, 108-111.

⁵⁴ O início da distinção de substantivo e adjectivo como classes do nome remonta a Prisciano (na terminologia de Prisciano, *nomen appellativum* e *nomen adiectivum*) (*op. cit.*, §8-60).

«...lamos fazê nos tēpos que lhes faleçe a uóz passiuu) cō este uerbo sou e hū participio do tēpo passádo, dizēdo. Eu sou amádo dos hómēes e deos e glorificádo de my. Este módo passiuo nã é mais, que hum conuerter o auto do uerbo ás uozes do que fáz o módo actiuo: porque tanto é em sinificádo, eu amo a uerdáde, como, a uerdáde é amáda de my» (*Grammatica*, 18^v).

Os diferentes objectivos das gramáticas, determinados pelas diferentes posições de Oliveira e Barros na apologia da língua nacional, levam a várias compreensões de um conceito-chave da teoria gramatical. Oliveira, tomando como objectivo a fixação das formas portuguesas, aproxima-se de uma concepção da categoria gramatical como unidade de significado e dos meios da sua expressão no sistema das formas gramaticais. No nome e no verbo portugueses, só reconhece género e número do nome, modo, pessoa, e número do verbo. Ao apresentar as partes do discurso, este gramático não admite o conceito de «accidência» e exclui da descrição das partes do discurso a problemática da formação de palavras. Deste modo, Oliveira apresenta só as categorias das partes do discurso que actualmente se caracterizam como gramaticais, ou morfológicas. Barros, em conformidade com os objectivos da sua gramática, ao comparar sistematicamente as categorias das partes do discurso no latim e no português, encontra na língua materna as mesmas categorias que no latim, apesar de as partes do discurso portuguesas não terem os mesmos morfológicos de expressão dos respectivos significados. A atenção primordial de Barros às características semânticas e sintácticas das partes do discurso aproxima-o de um entendimento das categorias universais lógico-semânticas. Vemos aqui um dos importantes cruzamentos na história da linguística, a multiplicação dos próprios princípios da descrição da língua e o início da diferenciação de dois tipos de gramáticas sincrónicas: universais e particulares. E se lembrarmos que no século XVI e no começo do século XVII, em Portugal, aparece um outro tipo de descrição — o tipo histórico —, reconheceremos o papel da tradição portuguesa na formação dos princípios da linguística moderna.

Na linguística portuguesa dos séculos XVI e início do século XVII, esboça-se a diferenciação de tipos de descrição gramatical, ligados à formação de noções de vários aspectos da língua: sincrónico e histórico. As obras dos autores portugueses da época assinalam a formação de vários tipos de descrição que se consolidaram na tradição posterior. As diferentes posições dos autores portugueses na apologia determinaram as características tipológicas das suas obras. F. de Oliveira ao afirmar a superioridade do português, centra-se nas condições da existência da língua nacional na sociedade e na especificidade das suas formas concretas. Isto leva o autor a dar atenção aos aspectos teóricos da norma e aproxima a sua obra do esboço da gramática normativa particular. J. de Barros, para quem a língua latina continua a ser o modelo indiscutível, tem como objectivo a des-

crição do português em rigorosa correspondência com o cânone gramatical antigo, o que o leva à detecção de categorias universais lógico-semânticas, em antecipação de elementos da gramática universal. Nunes de Leão, em cujos tratados a apologia se combina com o interesse pelas condições de formação e desenvolvimento da língua nacional, privilegia a descrição histórica da língua. Parece importante o facto de a diversificação do cânone, até aí unificado, estar relacionada com a apologia do vernáculo. A situação sociolinguística do Renascimento, chamando a atenção para vários aspectos da língua nacional, determina a formação de diferentes princípios de descrição linguística.

A esses diferentes princípios da descrição gramatical parecem também estar ligadas as diferenças na denominação da língua materna. Oliveira intitula a sua descrição do português «gramática da linguagem», Barros, «gramática da língua», apesar de no diálogo, dedicado especialmente à apologia da língua, aplicar ao português o termo «linguagem». Estas diferentes designações, aplicadas à mesma língua, sugerem que os primeiros gramáticos portugueses tinham consciência da existência de dois níveis: o da língua, cuja descrição está ligada ao sistema de categorias universais, e o da linguagem, da realização da língua, cuja descrição está relacionada com a problemática da língua concreta.

Descrições de outras línguas

O contexto cultural e sociolinguístico da época despertou a atenção não só para o vernáculo como para outras línguas. Na época de humanismo, era natural aparecerem inúmeras gramáticas latinas³⁵. A análise destes textos revela o carácter sintético da doutrina linguística da época. Escritas em latim, essas gramáticas variam bastante: desde o livro de M. de Sousa, que está no seio da tradição medieval, até ao texto de carácter bem renascentista de N. Clenardo; desde a apresentação exclusiva do sistema verbal latino no *DE VERBORUM (M) CONIUGATIONE COMMENTARIUS* de A. de Resende até à obra monumental de M. Álvares. Reeditado mais de quinhentas vezes em muitos países e aprovado como manual do latim nos colégios jesuítas, o livro de Álvares pode considerar-se um resumo ou enciclopédia da tradição gramatical, herdada da Antiguidade: são expostas opiniões de gramáticos antigos, desde Dionísio até Prisciano, ilustradas com exemplos de autores clássicos. A gramática de M. de Sousa, pelo contrário,

³⁵ V. a descrição delas em VERDELHO, *op. cit.*, 102-123.

seu a sua filiação medieval não só na organização do texto em forma de perguntas e respostas, característica das gramáticas escolares da Idade Média, como também na conservação de alguns traços da doutrina linguística escolástica. Sousa, com referências a Aristóteles, define as partes do discurso com base na semântica: nome como palavra que significa coisa, verbo como palavra que significa acção ou paciência, advérbio como palavra que modifica o significado do verbo. O gramático indica ainda as posições sintácticas das partes do discurso ⁵⁶. Seguindo o critério semântico, distingue substantivo e adjectivo como as principais classes do nome ⁵⁷. Na gramática de Sousa, onde é importante o conceito de caso, a sintaxe relaciona-se com o nível de oração ⁵⁸. Uma inovação importante da prática gramatical portuguesa está no texto de Resende: a apresentação paralela de sistemas verbais de duas línguas, a latina e a portuguesa ⁵⁹. Álvares segue este modelo ⁶⁰.

O aparecimento na Europa renascentista de gramáticas hebraicas — em Portugal, a de F. de Távora — é mais um exemplo de aplicação do cânone gramatical antigo a um número crescente de línguas. A gramática de Távora testemunha a propagação da ideia de gramática universal na linguística renascentista. A língua é o latim; os fenómenos do hebraico explicam-se através do sistema gramatical latino e, às vezes, do francês, quando se trata de artigo e de meios sintácticos da expressão de significados de caso (38 e segs.); o alfabeto hebraico é apresentado em comparação com o latino (9-9^v). Distinguem-se três partes do discurso: nome, verbo e consignificantes, ou sincategoremas, distinguindo o gramático hebreu, na terceira classe, artigo, pronome, advérbio, conjunção, pre-

⁵⁶ «Pars orationis que rem significat non actionem» (iij). «Verbum est vox significans rem aut pati» (xxiiij^v). «Adverbiū est pars oratiōis indeclinabilis que addita verbo significationem completam aut complet, aut mutat, aut minuit» (xliij^v). «[Oratio] sine verbo esse non potest» (xxiiij^v). «Scitur quasi adverbium, quod verbo circumstantiā adijciat» (xlv).

⁵⁷ «Quotuplex est nomen? — Duplex, substantiū & adiectiū. Substantiū est quod substantiā vel quasi substantiā significat, vt homo albedo. Adiectiū, quod adiectum substantiū significat in eo aliquod accidens, vt Vir prudens» (iij).

⁵⁸ «Syntaxin greci, nostri constructionem vocant, rationem contex endis orationis, & coniungēda(?) vocum, ita, vt certam sententiam dilucide representent» (bxx).

⁵⁹ «O que torna particularmente interessante o texto de Resende é justamente a descrição da semântica modal e temporal, explorando os aspectos contrastivos entre o português e o latim» (VERDELHO, *op. cit.*, 109).

⁶⁰ Na tradição quinhentista francesa achamos um exemplo de propagação deste princípio a todo o sistema gramatical: a gramática de J. Dubois apresenta a descrição paralela de todas as partes do discurso do latim e do francês (*op. cit.*, 90-159).

posição e interjeição ⁶¹; em harmonia com o cânone, são apresentadas *accidências* das partes do discurso. Távora indica morfemas flexionais e radicais de várias partes do discurso (14-14^v; 16; 20). A resolução do problema da existência de caso numa língua sem declinação casual testemunha, mais uma vez, o processo de distinção, na lingüística renascentista, de dois tipos de categorias, gramaticais e universais ⁶².

Um importantíssimo fenómeno da lingüística ibérica da época é o aparecimento, como resultado dos Descobrimentos, de dicionários e gramáticas de línguas da Ásia, América e África. A análise destes textos demonstra que em vários aspectos os seus autores se baseiam na experiência das gramáticas do português. Ao apresentar novas línguas, os gramáticos apoiam-se nas categorias universais lógico-semânticas. Como instrumento, serve o cânone gramatical, não só latino, mas também o já elaborado para o português. Na maioria dos casos é a língua portuguesa que serve de base de comparação e explicação de fenómenos das novas línguas. O cânone tradicional modifica-se consideravelmente nas gramáticas missionárias ⁶³. A descrição parte de dois pontos de vista: explicam-se tanto os significados das formas (descrição no sentido da forma para o significado), como os meios necessários à expressão de certos significados (descrição no sentido do significado para a forma). Presta-se maior atenção à fonética e à sintaxe. Ao descrever línguas tipologicamente diferentes do português e do latim, os gramáticos aprofundam vários conceitos de fonética, morfologia e sintaxe, formulando às vezes novas noções para explicar fenómenos ausentes nas línguas até então conhecidas. As gramáticas missionárias abordam problemas de segmentação da cadeia sonora, de contexto e muitas outras questões que são importantes para a lingüística moderna. Estas obras desvendam uma nova área lingüística: sendo manuais práticos que deviam ensinar a comunicação na nova língua, tocam em alguns aspectos da pragmática, o que constitui uma das mais importantes inovações destes textos lingüísticos. Como exemplo pode servir a *ARTE DA LINGUA BRASILICA* de Luís Figueira, a qual, que se saiba, ainda não chamou a atenção dos

⁶¹ «Habent Hebræi tres orationis partes [...], Nomē, [...] verbum, & [...] consignificatiū, quod dialectici syncategorima vocare solent» (13-13^v); «sed cum has institutiones hominibus latinis scribamus, quo facilius doceatur, latinorum more unāquāq; partem sigillatim excutiemus» (37-37^v). Cf. a divisão das classes gramaticais de palavras por Oliveira.

⁶² «Indiclinabilia sunt omnia hebræorum nomina [...]; casus autem cognoscuntur partim ex orationis cōtextu [...] partim vero per articulos, aut præpositiones additas (15^v-16).

⁶³ Na descrição de línguas das terras descobertas, desempenharam um papel decisivo os missionários, daí a denominação «gramáticas missionárias».

comparadores. Fixado na apologia, o gramático recorre quase sempre ao português para explicar o significado das formas e construções da língua descrita; a grafia e ortografia portuguesas servem-lhe de modelo para a elaboração da escrita do tupi-guarani (1-2). O gramático dirige-se com frequência ao conceito de «uso bastará» (2), «uso ensinará» (50^v); marca a variação das formas pronominais (4), das preposições (67-67^v, 71), de modelos de formação de palavras e de morfemas derivacionais (37); indica as formas mais correntes (67); demonstra variantes estilísticas, com as quais «se diz mui elegantemente» (67). Tudo isto testemunha que as ideias de norma e variação linguística estão bem enraizadas na doutrina da época. Figueira descreve a fonética tupi-guarani: apresenta vogais e consoantes, possíveis contextos de vários sons (2); demonstra fenómenos sintácticos (35^v-36) e a estrutura da sílaba (91); apresenta elementos com significados derivacionais (37, 63, 77^v-78) e gramaticais (13-13^v, 18, 46^v, 48-48^v, 57). Distingue, ainda, oito partes do discurso: nome, pronome, verbo, preposição, advérbio, interjeição e conjunção (36^v); substantivo e adjectivo distinguem-se como classes de nomes:

Sustantiuos são os que podem estar na oração sos por si com o verbo [...]. Adjectiuos são os que não podem estar na oração sem sustantiuos, clara, ou occultamente (36^v).

Prestando atenção aos aspectos semântico-sintácticos das classes gramaticais de palavra, Figueira aborda o problema da relação das partes do discurso com certas funções na oração:

Este verbo ço, estando no infinitiuo, significa ir, per modo de acção; ou significa ida per modo de nome; desta segunda maneira põese como nome, & regese doutro verbo, ou de preposição (85^v-86);

Muitas conjunções se acharão atras com nome de aduerbios, porque muitas vezes se põe aduerbialmente; nem vai muito em confundir nomes de pouca entidade, com tanto que conste de sua propria significação (80^v).

Número e caso do nome são compreendidos como categorias universais, representados meios analíticos para exprimir os respectivos significados nas construções sintácticas:

Os nomes nesta lingua, cõmummente, não tem distincão de numeros, singular, & plural; nem tambem de casos; mas a mesma voz serue em

ambos os numeros, & em todos os casos [...]. Os numeros porem se distinguem cõ algũs nomes adiectiuos, que servem somente de singular, ou de plural; ou não auendo estes, se entende do modo de falar. E os casos se conhecem por algũas preposições, ou modos de collocar os nomes entre si; ou tambem com os verbos (2^v);

Da distincção dos casos. Assi como na lingua Portuguesa em lugar de casos ajuntamos algũas preposições aos nomes [...] Assi tambem nesta lingua qualquer nome sustantiuo he governado, & varia com preposições.

Do Nominativo. Qualquer nome sustantiuo posto sò, ou com o adiectiuo serue de nominatiuo ao verbo [...]. *Do Genitiuo.* Qualquer nome sustantiuo posto com outro tambem sustantiuo, se estiuer no primeiro lugar, fica sendo genitiuo [...]. *Do Datiuo.* Pera pormos o nome em datiuo ajuntamoslhe a preposição Pe, ou çupé [...] (3^v-4).

O tempo também é visto como uma categoria universal, ao reconhecer a existência de tempos, que não têm formas especializadas na expressão de significados correspondentes (7-8). A descrição realizada pelo gramático português reflecte a especificidade do tupi-guarani enquanto língua de tipologia activa (62^v). Questões de pragmática ocupam um lugar notável na gramática de Figueira que presta atenção a aspectos importantes do discurso dialógico:

E porque ordinariamente por elles [advérbios] perguntamos, & respondemos: ou entêdendose a pergunta tacita, pomos a réposta claramente, a qual dariamos à pergunta, se claramente estiuera, poremos aquí as perguntas, que se podem fazer, pera sabermos buscar as repostas, que se lhe devem aplicar (68^v-69).

Caracterizando as réplicas correspondentes aos objectivos dos participantes na comunicação, o gramático dá listas de réplicas interrogativas, afirmativas, negativas, demonstrativas, incitativas, proibitivas, permissivas e laudativas (72-73^v). Na gramática há também listas de palavras e frases de várias modalidades, características da linguagem expressiva (74-80) e são apontadas diferenças na linguagem de homens e mulheres (6, 72^v, 75).

A doutrina linguística de Roboredo

Como podemos ver, a tradição gramatical portuguesa, no momento em que aparecem as obras de Amaro de Roboredo, é representada por textos que variam, tanto no objecto como nos métodos de descrição linguística. A doutrina de Roboredo, que desenvolve alguns dos temas dos seus precursores, é importante, não só por si mas também como elo entre os séculos XVI e XVII. A actividade científica e pedagógica do autor seiscentista está intimamente ligada à tradição anterior. O perfeito conhecimento da literatura filológica — antiga e renascentista, portuguesa e europeia — serviram como base a um dos mais interessantes autores portugueses do século XVII. Dos gramáticos renascentistas, menciona A. de Nebrija e M. Álvares e nos textos de Roboredo há muitas referências a T. Linacre ⁶⁴ (*M* ⁶⁵, 186; *GL* ⁶⁶, §4^v) e, especialmente, a F. Sanchez de Brozas (*GL*, §4^v), cuja gramática latina *MINERVA* influenciou muito a doutrina do gramático português. Roboredo é um dos primeiros sucessores das ideias linguísticas inovadoras, as quais mais tarde influenciariam também os autores de *LA GRAMMAIRE GÉNÉRALE ET RAISONNÉE DE PORT-ROYAL* ⁶⁷.

Mas nem todas as questões características do século anterior estão presentes nas obras de Roboredo. A comparação da sua problemática com a da linguística quinhentista mostra a direcção do desenvolvimento dos interesses científicos da época que abre o *METHODO GRAMMATICAL PARA TODAS AS LINGUAS*.

Defesa da língua nacional

O ponto de partida das ideias linguísticas de Roboredo, como o dos seus precursores, é a apologia da língua nacional. Roboredo indica o papel da língua nacional na «conservação & dilatação de Fee, & Imperio» e as vias de propagação da língua: «Impresa foi també de Gregos, & Romanos pretenderem perpetuar seu nome, & Imperio não sômête pela espada, mas pela lingua, ensinândo per arte [i. é, gramática], & introduzindo a pelas causas judiciais nos seus

⁶⁴ NEBRIJA, A. DE. *GRAMÁTICA DE LA LENGUA CASTELLANA*. Madrid, 1990. 1.ª ed. Salamanca, 1492. NEBRIJA, A. DE. *INTRODUCTIONES IN LATINAM GRAMMATICAM*. Complutii, 1523. 1.ª ed. Salamanca, 1481; LINACRE, T. DE. *EMENDATA STRUCTURA LATINI SERMONIS LIBRI SEX [...]*. London, 1524.

⁶⁵ *METHODO GRAMMATICAL PARA TODAS AS LINGUAS*.

⁶⁶ *GRAMMATICA LATINA*.

⁶⁷ ARNAULD, A., LANCELOT, C. *GRAMMAIRE GÉNÉRALE ET RAISONNÉE [...]*. Paris 1664 (2.ª ed., 1660).

tribunaes» (*M*, a4^v-b). Centra-se, no entanto, num aspecto que não ficou completamente resolvido no século anterior. Ao desenvolver as ideias da linguística quinhentista, Roboredo defende a consolidação das funções da língua materna como língua de ensino, de ciência e, em particular, como língua de descrição gramatical. No prólogo do *METHODO* insiste na necessidade de ensinar primeiro a língua materna e, só depois, outras línguas. O desrespeito deste princípio é uma das razões da atitude crítica de Roboredo perante as gramáticas antecedentes, em particular, a gramática de M. Álvares (*M*, b3^v)⁶⁸, escrevendo sobre tais gramáticas: «ignoráram a necessidade que há de se reduzir primeiro a arte a língua Materna; & logo a Latina, Grega, e Hebrêa & as mais, que quizerem aprender» (*M*, a3^v-a4). Segundo Roboredo, a língua materna deve ser estudada ao nível teórico: «E a lingua Materna se ha primeiro de ensinar per arte aos mininos. Para o que fora de muita importancia crear-se hũa cadeira da lingua Materna ao menos nas Cortes & Vniuersidades» (*ibid.*). E isto pelas seguintes razões:

Saberão os principiantes per arte em poucos annos, & melhor a lingua Materna, que sem arte sabê mal per muitos annos [...]; terão mais copia de palavras, & usarão dellas com mais propriedade. [...] Saberaõ per regras de compor, & derivar ampliar a lingua Materna, & ajuntarlhe palavras externas com soffrivel corrução, & formar outras de novo: para que com menos rodeios se possaõ explicar os conceitos & as sciencias, quando na Materna se queiraõ explicar conceitos e as ciencias, quando na Materna se queiraõ explicar. [...] Saberaõ fugir de palavras externas ainda não recebidas quando teem proprias, por não mostrarem que a lingua he mais pobre: como o Iurista, que usa de, Dolo, quando tem, Engano (*M*, a4).

Roboredo escreve a gramática do latim em vernáculo, insistindo em que não se pode escrever a gramática de tal modo, «como se os mininos foram Latinos» (*M*, b3^v) e em que a descrição deve realizar-se no sentido do português para o latim (*M*, a2^v-a3^v). Segundo Roboredo, as propriedades do latim devem demonstrar-se ao aluno nas regras, comparando as duas línguas: «Nella [na *Grammatica* de 1625] achará o Mestre regras novas: porem mui ajustadas com a razão, e propriedade do Latim em correspondencia do Portugues» (*GL*, ¶3).

⁶⁸ Deste modo, a polémica anti-alvarista está já presente na obra de Roboredo, prosseguindo os autores do século XVIII as ideias expostas pelo autor seiscentista. Cf. a posição de Verney: «Qualquer gramática de uma língua, que não é nacional, se deve explicar na língua que um homem sabe» VERNEY, L. A. *O VERDADEIRO METODO DE ESTUDAR*.

Tema de gramática comparativa

Assim, da apologia da língua materna, surge a necessidade de comparação entre línguas. Como resultado, as obras de Roboredo assumem um carácter descriptivo-comparativo de duas línguas⁶⁹: o gramático dá paradigmas paralelos de nomes, preposições, verbos, advérbios e revela correspondências nos meios de expressão de vários significados gramaticais (categorias de género, número, caso do nome; tempo, modo e voz verbal), demonstrando as relações entre as formas sintáticas latinas e as construções analíticas portuguesas. Um capítulo especial, na terceira parte do *METHODO*, é dedicado à sinopse das correspondências sintáticas entre as duas línguas, o português e o latim: comparação da negação, da ênfase e ordem de palavras; da relação entre o relativo e o antecedente e o emprego de conjunções (*M*, 227-229). Como podemos ver, a comparação realizada é consequentemente, tanto ao nível da morfologia como ao da sintaxe e é assumida como um método de ensino que pode ser estendido a todas as línguas:

O Mestre, que quiser meter em outras línguas o Discípulo, que aprendeo algũa per este Methodo, como na Italiana, Francesa, Grega, Hebræa, &c. Ensine nella a declinar, & côjugar [...]. E em lugar dos exemplos Latinos do 3. livro, meta, como fica ditto, os da lingua que quer ensinar. E a frase particular dessa lingua lançará a outra parte, para seu tempo, a imitação da Latina (*M*, c2^v-c3).

Ao comparar o português e o latim, Roboredo, ao invés de Duarte Nunes de Leão, não se centra nas afinidades estruturais oriundas do parentesco genético das duas línguas, o que o aproxima dos princípios da linguística tipológica.

Tema de gramática universal e racional

O *METHODO GRAMMATICAL PARA TODAS AS LINGUAS* é um dos primeiros exemplos de gramática universal que se assume como tal, como demonstra o título do livro, bem como o título da sua primeira parte: «Grammatica exemplificada na Portuguesa e Latina». Esta primeira parte, aliás, aparece designada no interior do livro com um título variante: «Grammatica exemplificada na Portuguesa e Latina». A gramática aparece aqui como uma abstracção universal que pode ser

⁶⁹ Esporadicamente surge também a comparação com outras línguas.

ilustrada com exemplos de várias línguas concretas, neste caso, o latim e o português. Prosseguindo as ideias de F. Sanchez, Roboredo escreve sobre dois níveis de língua, o universal e o particular (ambos, para ele, objecto de gramática):

Foramos certamente collegindo per esta ordem a differença, & conveniencia natural das linguas. [...] Porque acho grande confusão nas artes, ou Syntaxes, que teem misturado, o que he particular de hũa lingua, com o que he commum a muitas, ou a todas (M, b^v-b₂). Pretêdia q fosse este Methodo vniversal [...]. Ordenei poucos preceitos [...]. E muitos delles são vniuersaes (M, b₄).
Aa imitação delle se pode ordenar outro semelhante em qualquer lingua (M, c).

Nos textos de Roboredo há tendência para descrever a gramática partindo do significado para as formas:

A significação, & acção de algũs Verbos naturalmente não pertencem a estes Nominativos ⁷⁰, *Ego*, *Tu*, nem á outros de Plural; & assi se usão sômente nas terceiras pessoas do singular (M, 184).

A ideia de relação entre o significado universal e a sua realização em línguas particulares atinge, segundo Roboredo, vários níveis da língua: além da morfologia e da sintaxe, o léxico e o (micro)texto, como revelam a *PORTA DE LINGUAS* e as *RAIZES DA LINGUA LATINA*. A própria noção de existência de um significado universal, que se expressa em várias línguas por meios diferentes, é o ponto de partida de colectâneas de microtextos didácticos paralelos e de dicionários políglotas, característicos da época ⁷¹.

Porque os vocabulos destas linguas [latim, português e espanhol] assi dispostos, e oppositos mediante este artificio se fallão de janella a janella

⁷⁰ O termo «Nominativos» usa-se aqui para designar a função sintáctica sujeito (*Vide infra*, na descrição da sintaxe).

⁷¹ Notemos mais uma vez o constante crescimento do número de línguas nestes dicionários. A edição de Calepino do ano 1585 já é um dicionário de 10 línguas (CALEPINO, A. *AMBROSII CALEPINI DICTIONARIUM DECEM LINGUARUM*. Lugduni, 1585). T. Verdelho indica que foram os jesuítas que espalharam o uso do Calepino plurilingue (VERDELHO, 1995, 234). Lembremos que os jesuítas eram também autores da *LANUA LINGUARUM*, colectânea plurilingue de sentenças (*LANUA LINGUARUM*, op. cit.). A Companhia de Jesus participou na criação de gramá-

usando da mesma escada dos numeros, & communicando entre si os significados. Porque assi como as sentenças Latinas (o que he patente no vocabulario) abração quasi todo o Calepino; assi tambem as traduções dellas em outras linguas abração semelhante copia por razão dos significados diversos. [...] A qual segunda parte não he outra coisa se não hũa multiplicação de frases sobre a mesma sentença, e de sentenças sobre o mesmo argumento (*PL*, §3-3^o).

Prosseguindo a linha de gramáticos medievais, de Linacre e Sanchez, Robredo vê na razão as bases do universalismo linguístico:

os Larinos erão homẽs, com os quaes concordamos na racionalidade, que encaminha o entendimento, & lingua, a declarar, o que sentimos: & ainda que as palavras sejam diversas, assi cada hũa per si, como muitas iuntas na razão da frase, com tudo a união racional dellas, em todos he a mesma (*M*, a4^o).

Segundo Robredo, a razão deve ser revelada nas gramáticas:

Grammatica depende da razão (*M*, b);

Havia hũa sô lingua quando a razão era mais unida a qual como vinculo dos entendimentos, & artes [i. é, gramaticas], importa ir ao menos per divisões descobrindo (*M*, b4^o);

Nella [na *GRAMMATICA LATINA*] achará o Mestre regras novas; porem mui ajustadas com a razão, e propriedade do Latim em correspondencia do Portugues (*GL*, §3).

Seguindo esta concepção racionalista, Robredo realiza a descrição linguística partindo do significado universal para as formas das línguas particulares e

missionárias: as gramáticas portuguesas de línguas exóticas foram escritas por jesuítas e editadas pela Companhia de Jesus. Devemos também considerar que os jesuítas contribuíram para a conservação da escolástica não só em Portugal, como em toda a Europa, nos seus colégios. Num deles, o Collège Royal de La Fleche, formou-se R. Descartes. O filósofo, cujo método influenciou os autores de Port-Royal, seguiu aí o curso dos Conimbricenses. Como escreve J. Vilhena: «Sem a Escolástica não existiria Descartes» (*AS GRANDES POLÊMICAS PORTUGUESES*, Vol. II, Lisboa, 1967, 215). Neste contexto, deveríamos reconhecer o papel desta ordem religiosa na conservação e propagação das ideias do universalismo linguístico, cujo início remonta à Idade Média.

utiliza o português como língua de explicação do significado, ou seja, como metalingua. Roboredo não só põe este princípio em prática como também o explicita: «Inquiri as regras pela natureza dos significados, ainda nas linguas que não sei» (*M*, b4).

A doutrina gramatical

Níveis de língua destacados por Roboredo

Ao distinguir os níveis de língua tradicionais (som, sílaba, palavra e oração), Roboredo, seguindo Sanchez, dá especial relevo ao nível da oração. A inovação introduzida na tradição portuguesa por Roboredo fica clara se compararmos a sua posição com a de M. Álvares que, apesar de tocar o problema da razão, não apresenta a oração como parte central da gramática, escrevendo que a gramática consta de quatro partes, Ortografia, Prosódia, Etimologia⁷² e Sintaxe, cujos objectivos são, respectivamente, a letra, a sílaba, a palavra e a composição das palavras⁷³. Segundo a definição dada por Roboredo, no *METHODO GRAMMATICAL PARA TODAS AS LINGUAS*, «Grammatica he arte de fallar, que tem por fim a Oração bem concertada: a qual he hũa coherente disposição de palavras, de que consta, como de partes. Procedese para a Oração per Letras, Syllabas, & Dicções, ou Palavras» (*M*, 64). Na *GRAMMATICA LATINA* as classes de palavras são apresentadas como partes constituintes da oração:

Grammatica he arte de letras que ensina a fallar concertadamente. As letras Latinas são as mesmas que as Portuguesas. Dellas se compõe a Syllaba; como, *Pa*: e de Syllabas a Palavra; como, *Pater*: & de Palavras a Oração, que he o fim, a que esta arte se encaminha; como, *Pater noster in caelis est, & ubique*. Esta Oração consta de cinco partes, em que a Palavra se divide; as quaes são Nome, Preposição, Verbo, Adverbio, Conjuncção (*GL*, 1).

⁷² Este termo das gramáticas da época corresponde ao termo «Morfologia» da linguística do século XX.

⁷³ «Litterae [...] sunt tres & viginti [...]. Syllaba sit ex literis una, vel pluribus [...]. Dictio sit ex syllabis [...]. Oratio sit ex dictionibus»; «Methodus, hoc est ratio ac via, qua emendatè loquendi, scribendiq̃ facultas comparatur, in quatuor partes distribuitur Orthographiam, Prosodiam, Etymologiam, Syntaxim: quarum primæ litera, secundæ syllaba, tertiæ dictio subiicitur, quartæ responderet recta partiū orationis inter se cōpositio» (ÁLVARES, 1572, 50).

A atenção ao nível da oração como objecto de descrição gramatical era característica dos modistas ⁷⁴ e isto, mais uma vez, faz-nos pensar na filiação e desenvolvimento das ideias linguísticas. Para os modistas a oração é importante porque o seu ponto de partida é a semântica, o que é natural no paradigma cultural da Idade Média: o objectivo da descrição gramatical dos escolásticos é estudar, do ponto de vista lógico-semântico, o que significa a enunciação. É natural que a gramática modista já citada ⁷⁵ não contenha descrições de formas gramaticais latinas concretas. A ideia do significado está presente já no cânone antigo, mas aí este problema não é central; o objectivo da descrição linguística antiga é demonstrar como e com que formas se deve construir o texto para que ele seja correcto. Daí a importância dos níveis da palavra, da oração e da descrição das formas. A assimilação dos dois princípios — atenção tanto à forma como ao significado —, cujo início encontramos no século XVI e no início do século XVII, pode considerar-se o princípio da tradição gramatical moderna.

Chama-nos a atenção o facto de Roboredo distinguir os conceitos de oração e de frase, dedicando-lhes diferentes partes do *METHODO*. Para Roboredo, a oração é o objecto da gramática, ou seja, é a base universal de todas as línguas, o passo que a frase se determina por propriedades das línguas concretas.

Frase he hum particular modo de fallar de cada lingua segundo a pronunciação, & ajuntamento de palavras per certa collocação dellas (*M*, 182).

A Frase pois, que he hũa das propriedades de cada lingua, muitas vezes se não pode interpretar em outra lingua palavra por palavra (*M*, c). A primeira raiz, de que depende he a varia significação metaforica, na qual se usão as palavras, alem da propria, & o vario sitio, & ornamento dellas. A segunda hé a multiplicação de palavras para hum conceito, & a de conceitos pelas mesmas, ou varias palavras. A terceira he o conhecimêto, & uso da figura Ellipse. A quarta he o conhecimêto de Dativo, & de Substâtivos, q̃ ou per cõtinuação no mesmo caso, ou postos em diverso, fazê diverso modo de fallar: & o conhecimêto: e uso de algũs Adjectivos, Adverbios, & Conjunções. A quinta he o uso das Preposições, que com seus casos, & varios significados produzê varios modos de fallar (*M*, 182).

⁷⁴ «Constructio vel oratio in Grammatica est finaliter propter exprimendum mentis conceptum» (SCOTUS, *op. cit.*, cap. XLV, 147).

⁷⁵ SCOTUS, *op. cit.*

Não é descuidado o papel dos vários níveis do sistema da língua (fonológico, morfológico, sintáctico e lexical) na formação de frase e a sua atenção aos aspectos semântico e sintáctico. Segundo Roboredo, o domínio de frase depende da competência linguística. Comparando os conhecimentos da língua latina de Sanchez com os de Cícero e Varrão, escreve:

Elle [soube] mais Grammatica, & estes mais Latim. Porque a Grammatica depende da razão, que a natureza vai pelo tempo descobrindo aos bõs ingenhos, que sobre ella trabalham: & como a língua consta de Grammatica, Cópia [i. é, do léxico, na terminologia de Roboredo], & Frase [...] aquelle alcançou mais Grammatica, & estes sabião mais Cópia, & Frase com mais propriedade, porque como Materna lingua a usavão des os berços ⁷⁶ (M, b).

Como podemos ver, os conceitos de oração e de frase revelam a consciência de três níveis: 1.º lógico, racional, o dos significados; 2.º o de estruturas linguísticas universais, as orações, pertencentes à gramática universal; 3.º o de realizações, de frases, determinadas pelas características da língua concreta. Ao distinguir frase de oração, Roboredo, como os seus precursores quinhentistas, experimenta o conceito de texto (linguagem) ⁷⁷ como realização da língua (sistema). Escrevendo que «a língua consta de Grammatica, Cópia & Frase» (M, b), Roboredo apresenta a língua como discurso («Frase») e os meios da sua realização como «Grammatica» e «Cópia». É significativo que ao (micro)texto seja dedicada uma grande parte das obras de Roboredo. Na *PORTA DE LINGUAS*, no tratado «Introduçam para as sentenças», o expõe, em forma de instruções, o que é necessário para compreender a sentença. Destas instruções fica claro que, para compreender o (micro)texto, é preciso tomar em consideração todos os aspectos das classes gramaticais das palavras (semântico, sintáctico e morfológico), compreender os modelos de formação de palavras, os seus significados, a organização sintáctica da oração e ter em conta aspectos fonéticos/gráficos.

Esta multidão assi de palavras, que vês nestas sentenças, em qualquer lingua se dividem em cinco generos, que se chamão partes da Oração. [...] quisera que tiveras sabido os princípios de Nome ao menos, e do

⁷⁶ A ideia de oposição de conhecimentos da língua materna, aprendida na infância, e da língua latina, estrangeira, baseia-se na tese de Danre exposta na *DE VULGARI ELOQUENTIA*.

⁷⁷ É significativa a definição de frase como «modo de fallar» (M, 182).

Verbo [...] Do Nome, se he Sustantivo, se Adjectivo. Se he Sustantivo [...] sabe a Declinação, Genero, Numero, Caso, e o regente daquelle caso [...]. Porem se for Adjectivo, dirás que está posto no mesmo Caso, Numero, e Genero do Sustantivo, como aquelle que sem Sustantivo, com o qual concorda, não entra na oração [...]. E constando ser Sustantivo, ou Adjectivo advirte se he Simple, se Composto, se he Primitivo, se Derivado. E para entender isto bem vê o trattadinho de Composição, e Derivação antes do dictionario ⁷⁸ [análogas instruções dão-se para todas as partes da oração]. E do dictionario, que he exemplo desse tratado, colherás muitas significações proprias com a mais certa orthografia (PL, 25-26).

Roboredo aborda os problemas sintácticos de compreensão das sentenças: construções do nome, do verbo e elipse. Como resultado de todas estas operações, diz Roboredo ao leitor, «inteirará a oração» (PL, 28).

Partes do discurso

Como já vimos, Roboredo distingue cinco partes do discurso. Ao defini-las, apoia-se em critérios morfológicos e semântico-sintácticos.

Nome he palavra participante de Numero casual com Genero (M, 65);

Preposição he palavra, que carece de Numeros, & rege Casos, a que se antepõe; & faz composição com outra palavra ⁷⁹ (M, 68);

Verbo he palavra, que tem Numeros, & Pessoas verbaes com tẽpo (M, 68).

Adverbio he palavra, que carece de Numero, & Regencia, & altera as outras palavras, a que se ajunta como Adjectivo (M, 70).

Conjunção he palavra, que carece de Numero, & Regencia, & ata as outras palavras (M, 70).

⁷⁸ RAIZES DA LINGUA LATINA.

⁷⁹ Roboredo não distingue terminologicamente a preposição e o prefixo. Porém, nos séculos XVI-XVII esboça-se uma tendência para distinguir a preposição e o prefixo; nos tratados de Nunes de Leão até encontramos a diferenciação terminológica: «preposição inseparável», «preposição (partícula) compositiva».

As características semântico-sintácticas são básicas para distinguir classes de nomes, substantivos e adjetivos:

Dividese o Nome em Substantivo, & Adjectivo. Substantivo hê o que significa sustancia, ou per modo de sustancia, & sustenta o Adjectivo na Oração, a qual o Substantivo per si com o Verbo faz [...]. Adjectivo he o que se ajunta ao Substantivo, sem o qual não entra na Oração [...]. Os Portuguezes reconhecem o Adjectivo ajuntandolhe o Substantivo, *Cousa* (*M*, 66).

O Nome Substantivo conhecerá o principiante pela significação vulgar, & seu Artigo junto. O Adjectivo conhecerá pela significação ajuntando este Substantivo, *Cousa* (*M*, 80).

A tendência para distinguir, semântica e sintacticamente, substantivo e adjectivo é bem notória na doutrina de Roboredo. Esta diferenciação conheceu uma evolução paulatina, no decurso de séculos, especialmente a partir de Prisciano, que por sua vez se inspirara em Aristóteles. Os modistas prestam a maior atenção aos aspectos semânticos⁸⁰. O mesmo princípio segue Sousa. Barros sublinha o aspecto sintáctico, enquanto Oliveira prefere o morfológico. Álvares centra-se no aspecto sintáctico das duas classes do nome⁸¹. Roboredo reúne dois critérios, o semântico e o sintáctico. No entanto, o processo de diferenciação das duas partes do discurso ainda não está acabado no começo do século XVII.

Roboredo inclui na classe dos substantivos, além dos próprios, os pronomes pessoais; na classe dos adjectivos, além dos próprios, engloba os demonstrativos, os possessivos, os interrogativos, os relativos (aqui mais uma vez aparecem pronomes pessoais, o que terá a ver com a tentativa de reflectir sobre a sua função anafórica) e os numerais (*M*, 66-68). A semântica e a posição sintáctica na oração — independente ou dependente do substantivo — determina a atribuição destas classes de nomes a substantivos ou adjectivos. Para Roboredo, «o Substantivo he o fundamento, e principio da Oração» (*GL*, 23). Todavia no *METHODO*, escreve, coincidindo com Barros, que «o Nome, & Verbo são as [pa-

⁸⁰ (SCOTUS; *op. cit.*, caps. VIII-IX, X-XII, 27-38).

⁸¹ Substantivum nomen est, quod per se in oratione esse potest [...]. Adiectivum est, quod in oratione esse non potest sine substantio apertè, vel occultè (ÁLVARES, *op. cit.*, 48). Na definição de adjectivo de Álvares há uma nota sobre o facto de o substantivo poder ser expresso ou omitido, o que faz lembrar as ideias de subentendimento, ou elipse.

lavras] mais principaes» (M, 81), assim marcando o papel primordial das duas partes do discurso, nome e verbo.

Ao classificar os verbos, Roboredo, seguindo Sanchez, recusa a existência de verbos intransitivos, afirmando que os verbos se dividem em activos incertos, que obrigatoriamente têm um objecto directo explícito, e verbos activos certos, cujo objecto é subentendido ⁸². Roboredo escreve sobre as classes verbais:

Dos Verbos Activos, hús traspassão sua actividade em varios Accusativos, dos quaes, se se não declarar algum, logo a significação destes Verbos suspende a orelha, ou o entendimento, como hũa oração imperfeita: exemplos são, *Amo, Movo, Defendo, &c.* porque importa acrescentar a cousa, que amo, a cousa que movo, a que defendo. Estes Verbos se podem chamar Activos incertos, ou varios. Outros infundem sua actividade em hum soo Accusativo tam certo, que dentro de si o incluem. Donde ainda que o tal Accusativo se não declare, não suspende a orelha, ou entendimento sua significação: porque he facil de entender seu Accusativo: como, *Curro, Vivo, &c.* pois sta claro, que o que se corre he a carreira; o que se vive, a vida. [...] Estes Verbos [...] se podem dizer Activos certos (M, 69).

Na *GRAMMATICA LATINA* de 1625, Roboredo fala sobre três tipos de verbos da língua portuguesa:

E como ha tres castas de Accusativos; hum exterior, e vario: outro interior, e certo: e o terceiro he algum destes *Me, Te, Se, Nos, Vos, Se*, (os quaes são tam faceis de entender, q̃ he propriedade Latina calaremse; e he propriedade Portuguesa declararemse:) he mui racional dividir os Verbos Activos em tres castas (GL, 67).

Tratando das categorias das partes do discurso, Roboredo, como Oliveira, evita usar o termo «accidentes», exclui da lista de categorias espécie e figura, não recorre directamente aos significados gramaticais e aborda as características léxico-semânticas dos nomes e verbos, só quando delas dependem construções sintác-

⁸² Não devemos esquecer que os gramáticos dos séculos XVI e XVII usavam terminologia morfológica, por exemplo, os nomes de casos, para exprimir as funções sintácticas: «Nominativo» para indicar o sujeito e nomes de casos oblíquos para outros agentes, o que faz lembrar a «gramática de casos» na sintaxe semântica do século XX.

ticas, as regências (M, 49). Prosseguindo a linha de Barros, Roboredo compreende como universais lógico-semânticos as categorias das partes do discurso que se realizam em várias línguas por meios diferentes. Podem servir de exemplo as categorias de caso e de voz do verbo.

E são estes Casos assi chamados seis, naturalmente necessarios para declarar os varios conceitos do animo. [...] As ultimas syllabas dos Casos em cada Numero são semelhantes em muitas linguas, principalmête vulgares, & Hebraea; porem na Latina, & Grega não são semelhantes em todos os casos, senão em algũs (M, 65-66).

Demonstrando que em português os significados de casos se expressam pela construção preposição + nome, Roboredo dá listas de preposições, e respectivos significados (M, 10-12), e analisa várias construções (M, 47-51). A definição da voz verbal de Roboredo lembra a de Barros:

Nas linguas vulgares, de que temos noticia, não ha Verbos Passivos: mas ha Participios Passivos, com os quaes, & com o Verbo Sustantivo, *Sum*, se suprem as Vozes Passivas; como em Português. *Amado*, ajuntase ao Verbo, *Sou*, assi; *Sou amado*; *Fui amado*; *Serei amado* &c. (M, 69).

A compreensão de categorias das partes do discurso como universais justifica a apresentação paralela dos paradigmas latinos e portugueses, para demonstrar claramente as diferenças da expressão de significados universais. A exposição da declinação latina e da «declinação» portuguesa inclui, além da distinção de morfemas flexionais do nome, uma lista de perguntas, correspondentes a vários casos (M, 2-5)⁸³. Estas perguntas, que ajudam a precisar aspectos semântico-sintáticos de várias formas casuais de nome, podem testemunhar o desenvolvimento das idéias da sintaxe da oração.

⁸³ Roboredo segue a tradição anterior, porque encontramos o uso de perguntas para a semântica e as funções de casos em *DE MODIS SIGNIFICANDI SIVE GRAMMATICA SPECULATIVA*: «Si casus sit modus significandi in ratione principii tantum, modo ut quod est alterum superaddito, sic est Nominativus casus. [...] Si autem sit modus significandi rem sub ratione utriusque indifferenter, vel hoc est modo superadditour cuius, et sic est Genetivus casus; vel modo cui, et sic est Dativus casus; vel modo ut quem, et sic est Accusativus casus; vel modo a quo, et sic est Ablativus casus. [...] quod sicut species et differentiae casuum attenduntur penes inflexionem huius nominis quod, cuius, cui, etc. sic modi in verbo, proportionabiliter casibus, attenduntur penes inflexionem huius nominis alter, alterius, alteri, etc.» (SCOTUS, *op. cit.*, 67-68).

Questões de sintaxe

Como já foi indicado, Roboredo, na linha da tradição da época, descreve a sintaxe em termos de morfologia, utilizando os nomes dos casos para designar as funções sintácticas: Nominativo, de sujeito da acção; Acusativo e Dativo, de objecto directo e indirecto; Ablativo, de complemento circunstancial; Genitivo, de attributo. Interessam ao autor do *METHODO GRAMMATICAL PARA TODAS AS LINGUAS* vários aspectos da frase ligados à problemática da relação entre as estruturas profundas e superficiais: ordem de palavras, substantivação de adjectivos, explicitação e implicação de vários elementos de estruturas sintácticas, ou elipse (ou omissão de cópula, sujeito, objecto, etc.). A assimilação da teoria de elipse, exposta na *MINERVA*⁸⁴ de F. Sanchez de las Brozas, é uma das características importantes da doutrina gramatical de Roboredo, para quem as construções de elipse são diferentes em várias línguas, sendo a elipse característica de línguas concretas:

Muitas figuras Ellipses desta maneira, que admite a Latina, não admite a Portuguesa, nem a Castelhana: por tanto, com as palavras, que se hão de supprir, se descobrem defronte as figuras. E per esta via notarás de passagem a differença da frase destas tres linguas (*PL*, 28).

Nos comentários às sentenças, Roboredo demonstra a elipse, omitindo os números que marcam classes de palavras e as suas posições sintácticas na frase:

Os numeros de algarismo mostram a ordem direita da Grammatica em tomar as palavras na explicação Grammatical [...]. A figura Ellipse [...] he mui frequête; a qual pode logo o principiante ir conhecendo per estes numeros. Porque na Sentença em que faltar numero, mostra que nesse lugar falta palavra, que se deve supprir de fora para enteirar a Grammatica [...]. Exemplo seja a sentença quarta, que tem estes numeros 1. 3. 4. & falta 2., em cujo lugar entrará, Est, que falta. E a Sentença 6. tem 2. 3. 4. & falta, 1, em cujo lugar entará, Negotia, em quanto significa cousas (*M*, 81-82).

⁸⁴ SANCHEZ, *op. cit.* Elementos da teoria de elipse — de subentendimento, correspondente à noção da correlação entre as estruturas profundas e superficiais — estão presentes já em L. Valla e T. Linacre, que influenciaram o Brocense (*PERSIVAL*, 1976, 246-253).

Ao descrever as regências de caso, Roboredo demonstra-as com construções elípticas. «Em muitos Genitivos de partição, ou eleição, quer se ajuntem a Comparativos, quer a Superlativos, se entende de fora pela mesma figura, *Elipse*»; «Vsase a mesma figura, *Ellipse*, nestas frases. Quero navegar: *Habeo in animo navigandi .sc. propositum*. Lembrete aquelle dia: *Venit mihi in mentem illius diei .sc. recordatio*.» (M, 185).

Formação de palavras

Os problemas de formação de palavras são estudados por Roboredo no tratado «De composiçam, derivação, e Orthografia das vozes Latinas» que abre o dicionário *RAIZES DA LINGUA LATINA*⁸⁵. É o primeiro tratado especialmente dedicado a esta problemática na tradição portuguesa. Ao separar a descrição da formação de palavras da gramática⁸⁶, Roboredo segue um princípio que achamos já na gramática de Oliveira. A mesma tendência nota-se na *MINERVA* de Sanchez: o gramático espanhol, ao incluir figura e espécie na lista de «accidências», apresenta-as antes da descrição das partes do discurso⁸⁷. Deste modo, esboça-se, na doutrina dos séculos XVI-XVII, a ideia da formação de palavras como uma área linguística específica, zona de cruzamento da gramática e da lexicologia. Roboredo define a composição e a derivação: dá listas de morfemas derivacionais (prefixos⁸⁸ e sufixos), descreve modelos de formação de palavras pertencentes a várias partes do discurso e expõe as modificações semânticas e fonéticas dos derivados. «O Derivado contem a terminação, e significação algum tanto diversa do seu primitivo» (RLL⁸⁹, 22). «Os Derivados acabados em Arius, assinalão o que pertence aa significação do Primitivo, ou do officio daquela matéria, da qual se deriva» (RLL, 24). A questão da formação de palavras é tomada em conta na organização dos verbetes em várias edições do Calepino, e esta é a razão pela

⁸⁵ *RAIZES DA LINGUA LATINA*, I-35. Apesar de Roboredo descrever aqui a formação de palavras latinas, o tratado dá a possibilidade de analisar a compreensão geral destas questões pelo autor português.

⁸⁶ Nas *RAIZES DA LINGUA LATINA*, Roboredo cita a concepção tradicional de composição e derivação como figura e espécie (7-8), mas no *METHODO* e na *GRAMATICA LATINA*, evita usar estes termos e não toca no problema da formação de palavras.

⁸⁷ SANCHEZ, *op. cit.*, 12-13v.

⁸⁸ Em correspondência com a doutrina da época, Roboredo caracteriza a derivação prefixal como composição.

⁸⁹ *RAIZES DA LINGUA LATINA*.

qual Roboredo inicia as *RAIZES DA LINGUA LATINA* com um tratado dedicado a essa problemática. O dicionário de Calepino, que serviu de modelo a Roboredo, determinou a organização da *PORTA*. Assim, no verbete «Facio» é apresentado o verbo latino e as suas formas, explica-se o significado da palavra latina e dão-se as correspondências portuguesas e espanholas, algumas notas gramaticais, modelos de derivação e composição do verbo latino, uma lista bem completa de prefixos e radicais com os quais este verbo pode formar novas palavras. Uma grande parte do verbete consta da lista da congruência lexical do verbo com substantivos que pertencem a vários campos semânticos. A organização do dicionário faz lembrar os dicionários de morfemas e os de congruência lexical do século XX.

O problema da metalíngua

Como já foi indicado, a metalíngua de Roboredo é o português, até nas obras dedicadas à língua latina, e isto é um motivo para voltarmos, mais uma vez, a alguns aspectos da apologia da língua materna. Nesta problemática parece existir uma faceta relacionada com o desenvolvimento do conceito de língua universal. Se quisermos traçar as fases de modificação da atitude perante o latim como metalíngua, a obra de Roboredo ajuda a esclarecer algumas fases do processo. As gramáticas latinas tradicionais, tanto medievais, como renascentistas, eram escritas em latim. Nas gramáticas inovadoras (nas dos modistas, na *MINERVA* de Sanchez), cuja metalíngua também é o latim, o conceito de língua universal é ainda inseparável do latim. As gramáticas das línguas românicas (as de Nebrija, Oliveira e Barros, entre outras), escritas em vernáculo, estabelecem a tradição do uso da língua materna como metalíngua. No entanto, é de notar que nas gramáticas do latim, Nebrija e Barros escrevem ainda em latim. Os autores de gramáticas missionárias, seguindo as gramáticas em vernáculo, compõem-nas na língua da metrópole. Nos textos de Roboredo, a língua materna já serve de instrumento de descrição do próprio latim.

Em Portugal, é Roboredo quem conclui um longo processo de «sacralização» do latim, que se passa a considerar só como uma das possíveis utilizações da língua universal, a par de muitíssimas outras línguas. Deste modo, depois da substituição do latim pelas línguas nacionais em outros géneros de escrita, nos séculos XVI-XVII verifica-se a sua substituição como metalíngua. Vale a pena recordar o significado que o latim teve no processo de formação da linguística europeia moderna. Dois aspectos são de destacar: primeiro, a sua riqueza e sofisticação serviram de modelo para o vernáculo no processo da sua cons-

tuição como língua literária; depois, a gramática latina serviu de base universal para a descrição de várias línguas, para a formulação de categorias universais. Na tradição gramatical do século XVI ainda são importantes estes dois aspectos. No século XVII, terminadas a codificação e a consolidação da língua nacional literária, o primeiro aspecto perde a sua actualidade. Porém, o significado do segundo cresce com o fortalecimento das ideias de gramática universal e da descrição comparativa das línguas. Simultaneamente, o desenvolvimento do conceito de língua universal destrói o próprio princípio da hierarquia linguística: o latim é uma língua como qualquer outra, i. e., começa a ser considerado uma das muitas em toda uma série de línguas particulares.

Estas ideias introduzem inflexões na apologia da língua materna. Como sinal do fim daquela visão hierárquica das línguas, pode servir um detalhe que distingue Roboredo não só dos seus antecessores quinhentistas, mas também de filólogos seiscentistas⁹⁰. Enquanto nos autores anteriores e até posteriores são típicos o enaltecimento da língua nacional concreta e a afirmação da sua superioridade sobre as outras línguas românicas, Roboredo trata da defesa da língua materna como um princípio geral e, significativamente, prefere usar expressões pouco marcadas como «língua Materna» e «língua vulgar» (*M*, a2^v-a4). Desenvolvendo as ideias renascentistas, Roboredo fala não só da defesa do português, como também do próprio princípio da defesa da língua materna. O *METHODO GRAMMATICAL PARA TODAS AS LINGUAS* testemunha que no começo do século XVII é realizada a universalização da apologia da língua nacional.

Ensino de línguas estrangeiras

A obra de Amaro de Roboredo tem mais uma característica inovadora: este autor deve ser apreciado como um dos pioneiros no ensino de línguas estrangeiras segundo princípios modernos. Antes de mais nada, é preciso destacar que os textos linguísticos de Roboredo representam todo um conjunto de livros indispensáveis para o estudo inicial da língua: manuais de gramática (um deles, o *METHODO*, além da parte teórica contém a parte prática, i. e., um conjunto de microtextos que devem servir de exercícios), colectânea de textos (que antecipa a ideia de livros de leitura), anexos aos manuais modernos e dicionário, que

⁹⁰ M. Severim de Faria, A. Ferreira de Vera.

⁹¹ O facto de o *METHODO* e a *PORTA DE LINGUAS* terem os mesmos textos não destrói o próprio princípio.

sobre o vocabulário dos textos ⁹¹. Na *GRAMMATICA LATINA*, Roboredo levanta o problema da escolha do material didático na gramática escolar ⁹² e da separação de manuais dirigidos ao professor e ao aluno:

Se no genero de algũs Nomes, e preterito de algũs Verbos duvidar o Mestre por achar o contrario em artes, ou Autores, siga o que lhe parecer melhor. Porque achei varios usos de Autores Latinos, e varias opiniões de Grammaticos: e desses usos escolhi os que aqui escrevi, reservando algũas cousas de toda a arte para se declararem com mais palavras per notas no metodo de ensinar Grammatica, que servirá de arte para o Mestre, se Deus quiser que a escreva.

Deixei ficar algũas regras de outras artes [...]. Mas limei as, e aclarei as, e fallei nellas per termos mais proprios. [...] Quem desejar provas das figuras Ellipses desfeitas as achará em Linacro, Francisco Sanchez, e na arte de Nebrissense reformada. A prova de quanto aqui se diz pertence a outra parte: não he para arte do minino (*GL*, 14-14^v).

O plano de escrever uma gramática especial para o professor não foi realizado, mas o princípio de separar o material dirigido ao professor do dirigido ao aluno é formulado no *METHODO*.

Os livros de Roboredo podem servir de testemunho do desenvolvimento da didática das línguas na época. O racionalismo, o sensorialismo e um certo empirismo servem a Roboredo como bases teóricas de ensino que são comprovadas pela prática (o gramático seiscentista experimentou o seu método antes de o expor na obra). Segundo o gramático, no ensino «que ajustasse a aprendizagem [i. e., compreensão teórica] com a experiência» (*M*, ar^v). O autor acha necessário incluir no corpo da gramática uma grande quantidade de exemplos:

E como he notoria a grande dependencia, que o discurso humano té dos sentidos corporaes, procede direito dos effeitos para as causas, dos exemplos para as regras. [...] Daqui nasce fazerem os exemplos tanto abalo no entendimento humano. Daqui o succeder bem em nossas Grammaticas passar da miuda explicação do livro para as regras da arte; & começar naquella a intelligência destas: as quaes se sabem despois melhor dando volta pelo Methodo doutrinal, despois do principiante ter a primeira ajuda sensual (*M*, b2).

⁹¹ Esta é mais uma diferença entre as gramáticas de Roboredo e de Álvares.

Na gramática de 1625, Roboredo desenvolve a sua ideia:

sempre o exemplo devia preceder [...] com o exemplo diante, o qual fica servindo juntamente de regra: pois mais facilmente colhe o entendimento a regra do exemplo que o exemplo da regra. [...] Notorio he ser o entendimento naturalmente tam dependente em seu obrar dos cinco sentidos corporaes, q̃ nenhũa cousa percebe sem entrar per elles, e que estes teem por objectos as cousas singulares, as quaes são representadas nos exemplos. Donde o entendimento começa per elles a subir fazendo seus cursos, e discursos até chegar, aas cousas universaes, que são representadas nas regras. Depois que teê subido a essas regras informado dellas torna descendo com mais destreza para os exēplos. De modo que ao discipulo convem primeiro subir assi das partes ao todo, isto he, dos exemplos para as regras, a q̃ chamão metodo da Natureza; e ao Mestre convem o descer desse todo para suas partes, isto he, da regra para os exemplos, a que chamão metodo de Doutrina (GL, §1^v-2).

O gramático segue o princípio audio-visual, expondo a necessidade de explicações do professor e de um manual especializado: «Porque lhe [ao aluno] faltão as figuras das letras no papel, a palavra, & oração, como objectos dos sentidos, mediante os quaes hão ellas de subir ao entendimento» (M, b2^v). Daqui deriva a nítida estrutura das gramáticas de Roboredo, com paradigmas, emprego de vários tipos de caracteres, um sistema de comentários interlineares e marginais, etc. Considera que o estudo deve realizar-se, «ajuntando muitos exemplos em o livro, & em voz, que o aprendiz veja, ouça, apalpe» (M, b2^v). O autor valoriza aspectos psicológicos: «o gosto de entender allevia o trabalho» (M, c2^v); «A emulação entre os Discipulos importa espertar ao menos com louvores, & vituperios (M, 83), Roboredo indica a necessidade de o professor se acomodar «aa rudeza dos principiantes» (M, 80), «concorrendo no Mestre sufficiencia, bondade & benevolência, não deve faltar a fee benevola do Discipulo», que, por sua vez, deve ter «Ingenho: Applicação continua: Fee devida aa arte, & Mestre» (M, c4).

São de certo interesse algumas recomendações metodológicas concretas do pedagogo seiscentista. As explicações do professor devem formar, primeiro, a compreensão do significado, com o apoio na língua materna, para que os alunos entendam os meios de expressão do mesmo na língua estrangeira: «pode o Mestre explicar [...] primeiro o sentido: logo a Grammatica vulgar: a significação de cada palavra Latina: que parte da Oração he tal palavra: os accidentes⁹³ se-

⁹³ Este é o único caso em que Roboredo usa o termo «accidente».

... & finalmente a frase» (*M*, 80). Cada tema gramatical, segundo Roboredo, deve ter cinco graus de treino que diferem na dificuldade do material estudado, na variedade e tipo de exercícios. O treino deve começar «no mesmo dia em que se começa a lição» (*GL*, 69) e acabar com leitura e composição de textos de vários estilos funcionais e, por fim, com um «discurso Oratório» (*GL*, 96). Roboredo insiste no treino simultâneo de morfologia e sintaxe: formas verbais em construções com nomes (*GL*, 40), «Advirtase que as Preposições vão assim sendo [...], e cõ ellas se adianta muito o principiante» (*GL*, 31). O *METHODO GRAMMATICAL PARA TODAS AS LINGUAS* contém um grande número de sentenças que, servindo de exercícios, exemplificam regras e preparam o aluno para a leitura de livros. Partindo do princípio racional, o autor do *METHODO* sublinha o papel da tradução no esclarecimento das diferenças estruturais e estilísticas entre a língua materna e a estrangeira. Na *PORTA DE LINGUAS* ele distingue vários níveis de tradução (*PL*, 23-24). Roboredo propõe uma espécie de programa de estudos com calendário, incluindo o número de horas por mês necessárias à aquisição de conhecimentos linguísticos (*M*, c3^v, 80, 83; *GL*, 93, 94^v-97). Na *PORTA DE LINGUAS*, Roboredo esboça uma espécie de protótipo do manual autodidático, «fácil e fiel repetidor, que sem nenhum gasto sem nenhum aparato, sô com a própria voz te fixará fielmente na memoria a copia de palavras cõ sua syntaxe. E se não podias executar o desejo da lingua Latina por te faltar tempo para frequentar as Escolas, ou dinheiro para pagar ao mestre, ou por teres pejo de te incorporares com mininos sendo ja mancebo, ou homem, esse desejo podes agora pôr em execução, sem que alguém atente por tua occupação» (*PL*, 22-33). As gramáticas de Roboredo têm mais uma característica que as aproxima dos modernos princípios de ensino, sendo uma espécie de «curso intensivo» da época, pois o autor sublinha que o seu método possibilita a aprendizagem da língua em poucos meses. Uma característica importante da didáctica das línguas de Roboredo é a possibilidade de ela ser aplicada a qualquer língua, ou seja, a universalização da metodologia do ensino das línguas: «E o que mais podia esperar he ficar com os principios communs para saber facilmente outras linguas» (*M*, c4^v). Roboredo escreve sobre a possibilidade de «passar per este Methodo para as outras linguas» (*M*, a4^v), de usar o método para estudar línguas das terras descobertas e ensinar aos povos destas terras o português, «reduzindo a lingua dos Barbaros [...] ao mesmo Methodo [...] comunicadolhes pelo mesmo a nossa» (*ibid.*).

Síntese da doutrina de Amaro de Roboredo

O significado dos séculos XVI-XVII na história da linguística

O gramático português aprofunda a ideia da relação entre língua universal e particular. Esta ideia, lançada pela linguística medieval, começou a aplicar-se na prática da descrição gramatical de várias línguas no século XVI. O filólogo seiscentista reúne os dois aspectos: teórico e prático. Os textos de Roboredo têm características importantes das gramáticas universais: reconhecimento da razão como base universal de todas as línguas; ideia da existência de significados universais que se realizam em línguas particulares por meios diferentes; exposição na gramática dos dois níveis, universal e particular; descrição a partir do significado universal para as formas de línguas particulares, utilizando a língua materna para a explicação do significado, i. e., como metalingua. A descrição da morfologia e da sintaxe, segundo um ponto de vista universal, condiciona a especificidade da distinção das partes da oração e das suas categorias. Entre as características inovadoras na doutrina gramatical de A. de Roboredo são importantes os conceitos de oração e de frase, bem como a tendência para distinguir um nível superior ao nível de oração, i. e., o nível do microtexto e a atenção a este nível.

A sistemática representação paralela de duas línguas dá razões para caracterizar a obra de Roboredo como um dos primeiros exemplos de descrição linguística comparativa no verdadeiro sentido da palavra, quando a comparação chega a ser um objectivo especial. Isto constitui mais um passo para a formação da tipologia de línguas, depois das gramáticas do século XVI, nas quais a comparação ainda está presente como meio de descrição de uma língua com base no cânone gramatical de outra, e não como um dos fins do texto linguístico.

Na apologia da língua materna, Roboredo, prossequindo a defesa da língua portuguesa, iniciada pelos gramáticos do século XVI, testemunha o fortalecimento do estatuto do português e a passagem do latim a uma nova categoria: o latim deixa de se considerar o topo da hierarquia das línguas, não só por causa do aumento de prestígio da língua materna, mas também por se começar a destruir a própria noção de hierarquia de línguas; a obra de Roboredo testemunha a universalização da ideia de defesa da língua nacional.

Os textos filológicos de Roboredo representam um novo tipo de manuais escolares de aprendizagem das línguas. Atento aos problemas de indução e dedução, tão importantes na doutrina pedagógica posterior, Roboredo formula um método para o ensino de línguas, baseado em princípios cognitivos e analisa a especificidade das actividades do aluno e do professor, fazendo recomendações metodológicas concretas. A doutrina do ensino das línguas explicitada pelo autor constitui uma etapa muito importante na formação da metodologia moderna.

O estudo dos monumentos linguísticos do século XVI e do começo do século XVII faz-nos recusar uma visão simplista deste período como o de um puro regresso à problemática antiga; faz-nos ver que a ciência da época é uma síntese frutífera de conceitos e princípios da linguística da Antiguidade, do Medievo e do Renascimento. A conservação no Portugal renascentista de algumas ideias da linguística medieval não deve causar estranheza. O contexto sociolinguístico e cultural da Península Ibérica, a continuação pela escolástica de Salamanca e de Coimbra da tradição filosófica medieval⁹⁴ e a possibilidade de aplicar a ideia especulativa de língua universal à prática da descrição gramatical de muitas e variadas línguas concretas deveriam contribuir para a síntese de ideias, fazendo da doutrina ibérica do século XVI e do início do século XVII um elo entre a tradição anterior e a linguística da época moderna. Mais tarde, já no século XVIII, as ideias de língua universal desenvolvidas pelos autores da gramática de Port-Royal voltariam à doutrina portuguesa na gramática de Soares Barbosa. No entanto, não podemos esquecer o papel da tradição peninsular, inclusive a portuguesa, na fase inicial do processo de formação da linguística moderna. A concepção de Port-Royal deveria ter duas bases: teórica (uma das suas principais componentes é a ideia de língua universal, compreendida como um sistema abstracto de significados universais, que constitui a base das línguas particulares) e prática (a descrição de uma quantidade bem representativa de línguas concretas). A linguística portuguesa do século XVI e da primeira metade do século XVII, que é um exemplo expressivo da prática, participou também na promoção de alguns aspectos da teoria.

A linguística portuguesa no primeiro século da sua existência formula conceitos e princípios de descrição da língua importantes para várias correntes das épocas posteriores. Os séculos XVI-XVII podem apreciar-se como período de formação da linguística como ciência madura e independente de outras áreas do saber. A esta conclusão levam os seguintes processos:

1. Constitui-se a noção de língua como um objecto de estudo específico, diferente dos outros domínios do saber humano;
2. Amplia-se enormemente a área de estudo: aumenta consideravelmente o número de línguas descritas; estudam-se vários aspectos da língua e descrevem-se todos os níveis do sistema linguístico;

⁹⁴ CIDADE, H. *LIÇÕES DE CULTURA E LITERATURA PORTUGUESAS*. Vols. 1-2. Lisboa, 1959; CORDO, *op. cit.*

3. Surge uma nova problemática, reflectindo a atenção ao funcionamento da língua,
 - a) na sociedade (questões de apologia, de norma, de comunicação);
 - b) no espaço (português nos novos territórios, relação entre a norma e os dialectos);
 - c) no tempo (questões de história);
 Alguns destes aspectos recebem uma séria elaboração, outros só se esboçam;
4. Elabora-se o princípio da descrição de toda a variedade de línguas com base no cânone universal;
5. Diversificam-se géneros de descrição linguística:
 - a) criam-se gramáticas, dicionários, diálogos, tratados ortográficos, cartinhas;
 - b) surgem modificações no cânone gramatical, até aí unificado, o que leva à sua multiplicação: esboçam-se vários tipos de gramáticas: universais, particulares ou normativas, comparativas, históricas, escolares;
6. Tudo isto testemunha a estruturação do saber linguístico, reflectindo a formação das respectivas disciplinas linguísticas.

Entre a doutrina dos séculos XVI e XVII existe uma estreita ligação, notando-se, no entanto, uma evolução de conceitos. No século XVI, elaboram-se na prática certos princípios de descrição gramatical que ficam apenas implícitos (por exemplo, relação entre a língua universal e línguas concretas, nas gramáticas de português e nas de línguas exóticas), ou, se são explicitados, aplicam-se a uma só língua (a ideia de apologia da língua materna). No limiar do século XVII, estas ideias já aparecem explícitas e alastram-se a outras línguas, o que leva à sua universalização e, posteriormente, à formação de conceitos teóricos, propriamente científicos.

Como demonstram os monumentos da época, a tradição portuguesa contribuiu muito para estes processos, importantíssimos para a formação da linguística moderna. As recentes investigações históricas e a reedição de monumentos filológicos não se explicam apenas como manifestação do tradicional interesse do saber humanístico pelas suas raízes. As mudanças no paradigma científico despertam o interesse pela história das ideias científicas, como provou T. Kuhn no seu livro dedicado à história das ciências naturais⁹⁵. O autor demonstra o

⁹⁵ KUHN, TH. S. *THE STRUCTURE OF SCIENTIFIC REVOLUTIONS*. Chicago, 1962.

evolucionário da substituição dos paradigmas científicos. Na linguística, no entanto, o processo de troca de paradigmas tem algumas particularidades. A análise de textos pertencentes a uma tradição bastante duradoura consente-nos de que é difícil encontrar os autores concretos das ideias linguísticas ⁹⁶. Em muitos casos, acumulam-se, no decurso de vários séculos, componentes de uma concepção linguística, e isto antes de aparecer a sua exposição sistemática numa obra, a única que se torna significativa no processo de alteração dos paradigmas científicos. A ampliação do círculo de textos analisados e o estudo de obras com mais prestígio, de monumentos posteriormente esquecidos, revelam nestes alguns elementos de concepções científicas modernas que se formaram no seio de uma longa tradição. É por isso que o historiador que analisa os processos de nascimento, formação e consolidação das concepções científicas se deve basear em todo o corpo destes textos ⁹⁷. O conhecimento da tradição total possibilita a representação adequada da história da linguística, que não tem só um interesse arqueológico, mas também uma importância actual, ajudando a precisar os mecanismos de formação das ideias. Só conhecendo as tendências históricas poderemos ver as perspectivas do desenvolvimento ulterior da ciência ⁹⁸.

⁹⁶ A procura das fontes está na base do saber humanístico que parte em busca das verdadeiras obras de Platão e Aristóteles, Dionísio e Varrão.

⁹⁷ Para formar uma ideia adequada da doutrina linguística de uma escola nacional, parece importante analisar não só descrições da respectiva língua, mas também os textos dedicados a outras línguas (no caso da escola portuguesa dos séculos XVI e XVII, as descrições da língua latina, hebraica, das línguas da Ásia, América e África).

⁹⁸ Na presente edição foi reproduzido o exemplar da Biblioteca Nacional de Lisboa, Cota L. 273 V.

METHODO
GRAMMATICAL
PARA TODAS
AS LINGVAS.



CONSTA DE TRES PARTES.

- GRAMMATICA exemplificada na Portugueza, & Latina.
- COPIA DE PALAVRAS exemplificada nas Latinas, artificio experimentado para entender Latim em poucos meses.
- FRASE exemplificada na Latina, em que se exercitão as syntaxes ordinarias, & collocação rhetorica, como mostra 3. & 4. folha.

AVTOR AMARO DE ROBOREDO
natural da villa de Algoz.



Com as licenças necessarias.

Em Lisboa per Pedro Craesbeeck. Anno 1619.

Esta edição de
Methodo Grammatical de todas as Linguas
foi executada na
IMPrensa NACIONAL-CASA DA MOEDA
com uma tiragem de mil exemplares.

Capa de Luís Moreira.

Acabou de imprimir-se
em Maio de dois mil e dois.

ED. 1005661

ISBN 972-27-1130-X

Depósito legal n.º 178 144/02

www.incm.pt

E-mail: dc@incm.pt

E-mail Brasil: livraria.camoes@incm.com.br

O gramático português seiscentista
Amaro de Roboredo
pretendeu, com o
Methodo Grammatical para todas as Linguas,
estabelecer por meio
das estruturas da língua portuguesa
uma série de princípios gerais
comuns a todas as línguas.
Publicado uma vez, em 1619,
o *Methodo* tem agora a sua segunda edição,
acompanhada de um estudo
de Marina Kossarik,
professora da Universidade de Moscovo,
que analisa a obra e a situa no contexto
da restante produção do autor e da época.

